

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA

A Paixão e a Escada
***Philia* para Filosofar**
Do largo de São Francisco para o Cerrado

por
Georgia Cristina Amitrano

Uberlândia

2024



Georgia Cristina Amitrano
MEMORIAL ACADÊMICO

A Paixão e a Escada
***Philia* para Filosofar**
Do largo de São Francisco para o Cerrado

Memorial apresentado ao Instituto de Filosofia (IFILO), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como parte dos requisitos indispensáveis para a Promoção da Classe de Professora Titular da Carreira de Magistério Superior, conforme art.3º da Portaria do MEC nº 982, de 3 de outubro de 2013 e a Resolução 04/2014 de 11 de abril de 2014 do CONDIR/UFU.

UBERLÂNDIA

2024



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

A517p
2024

Amitrano, Georgia Cristina, 1967-
A Paixão e a Escada [recurso eletrônico] : Philia para Filosofar : do
largo de São Francisco para o Cerrado / Georgia Cristina Amitrano. -
2024.

Memorial Descritivo (Promoção para classe E - Professor Titular) -
Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Filosofia.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.5215>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Professores universitários - formação. I. Universidade Federal de
Uberlândia. Instituto de Filosofia. II. Título.

CDU: 378.124

André Carlos Francisco
Bibliotecário Documentalista - CRB-6/3408



GEORGIA CRISTINA AMITRANO
MEMORIAL ACADÊMICO

A Paixão e a Escada
***Philia* para Filosofar**
Do largo de São Francisco para o Cerrado

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO

Profa. Dra. Maria Clara Dias– IFCS-UFRJ
Membro Titular Externo

Profa. Dra. Susana de Castro – IFCS-UFRJ
Membro Titular Externo

Prof. Dr. Guilherme Castelo Branco – IFCS-UFRJ
Membro Titular Externo

Prof. Dr. Rafael Cordeiro Silva – IFILO-UFU
Membro Titular Interno

Prof. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido – IFILO-UFU
Membro Suplente Interno

Profa. Dra. Dirce Eleonora Solis– UERJ
Membro Suplente Externo



*Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas
Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo
Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo*

(Eu-Mulher por Conceição Evaristo)



*Dizem que sou louco por pensar assim
Se eu sou muito louco por eu ser feliz
Mas louco é quem me diz
E não é feliz, não é feliz
Se eles são bonitos, sou Alain Delon
Se eles são famosos, sou Napoleão
Mas louco é quem me diz
E não é feliz, não é feliz
Eu juro que é melhor
Não ser o normal
Se eu posso pensar que Deus sou eu
Se eles têm três carros, eu posso voar
Se eles rezam muito, eu já estou no céu
Mas louco é quem me diz
E não é feliz, não é feliz
Eu juro que é melhor
Não ser o normal
Se eu posso pensar que Deus sou eu
Sim sou muito louco, não vou me curar
Já não sou o único que encontrou a paz
Mas louco é quem me diz
E não é feliz, eu sou feliz*

(Balada do louco por Arnaldo Baptista e Rita Lee)



*Dedico este memorial aos maiores amores de minha vida,
João Guilherme e Kaike Vinícius. Que eu seja uma
inspiração para o futuro que o mundo lhes reserva.*

*Dedico este trabalho também às mulheres interditadas de
minha família. Que nenhuma mulher tenha sua história
descontinuada.*



Agradecimentos

Agradecer, palavra originária do latim gratus. Tal termo possui como possibilidade de tradução ou entendimento ser acolhido ou acolher com favor, de forma agradável. A ideia de acolhimento me dá um significado maior nesse contexto. Afinal, é do acolher a face do Outro, na radicalidade dessa face, como tão bem alude Levinas, que os agradecimentos aqui surgem.

Do mesmo modo, não há apenas o agradecer; antes, agradeço honrando; pois, honrar, como me fora ensinado pela Diva Lorena Oliveira, é também, nesse meu olhar específico, reconhecer a sabedoria e a importância de quem veio antes, valorizando a identidade e o pertencimento.

*Começo agradecendo, portanto, ao meu tempo histórico, cujo fato de ter nascido e ser criada em um mundo, mesmo que durante a ditadura, pulsava por mudanças, permitindo a essa mulher que aqui escreve, afirmar-se diante da vida e dando alguns **Nãos**, de modo a poder estar aqui hoje. Agradeço às mulheres de minha família, minhas ancestrais, que vieram antes de mim. Elas, na maturidade que atingi, são braços que me embalam e, como uma súplica, me exigem a coragem de caminhar para além delas.*

Agradeço aos maiores amores que vida me deu, meus dois filhos. Não há nada maior que o sentimento incondicional de bem querer que sinto por eles, João Guilherme e Kaike Vinícius. Nunca se queixaram de meu trabalho, das ausências por congressos, me incentivam, me acalantam, me dão orgulho. E se escrevo aqui agora é também por eles.

Agradeço ao meu pai, in memoriam. Jorge Amitrano, o homem que, provavelmente sem dimensionar, abriu as cortinas do conhecimento naqueles livros empoleirados pelos armários da casa. Da Coleção de História, comprada semanalmente nas bancas de Jornais cariocas, ao último livro dado antes de seu falecimento, ele criou alguém em busca do saber. Agradeço pelo amor, pela luta para dar o melhor aos filhos e de eu poder ser sua filha.

Agradeço à minha mãe, Dyrce Amitrano, por ter me dado à Luz, por ter sido a mulher que rompeu barreiras em tempos tão complexos quanto os dela. Por ensinar que mulheres devem ser independentes, por não ter desistido de si mesma.

Agradeço ao meu irmão Claudio Amitrano, pelas implicações de irmão mais novo quando criança, pelas boas conversas quando adulto, pelos debates acalorados, pela competência intelectual, pela constante vontade de crescer e ser espelho, pelo amor que temos um pelo outro.

Agradeço à minha cunhada que a cada dia vem se tornando alguém que admiro mais, Cristina Carvalho. Agradeço pelo amor aos meus filhos e ao meu irmão, pelo respeito à minha história, pela possibilidade que abre de eu conhecer essa mulher como pessoa e grande intelectual.

Agradeço a Rafael Haddock-Lobo por ter se tornado meu irmão e a Luciano Severino por ser o melhor amigo que a vida pode dar.



Agradeço a essa banca que foi sonhada e realizada, com essas mulheres e homens especiais, Maria Clara Dias, Susana de Castro, Rafael Cordeiro, Humberto Guido e, aquele que nunca largou a minha mão, meu eterno orientador, Guilherme Castelo Branco

Agradeço à UFU por me ter recebido de braços abertos, e a essa Reitoria, em especial, que atura a Diretora chata que quase toda semana bate na sala de seus pró-reitores. Um especial agradecimento ao amigo Hélder Eterno e à minha amiga Elaine Saraiva Calderari. Um agradecimento ao Prof. Valder Steffen Junior que, como Reitor em duas gestões, acolhe a Diretora que sempre está a sua porta.

Agradeço a todo corpo docente do IFILO-UFU.

Agradeço a existência das quatro mulheres e seus legados, Ana Maria, Luciene, Socorro e Fillipa.

Agradeço a Lucas e Fernando, aos dois Fábios que, um dia alunos e hoje como colegas, são inspiração.

Agradeço a Leonardo Almada que, além de colega, é o pai de meus filhos. O ex-companheiro, com certeza, é o responsável para que uma Tese de Doutorado tenha saído, pois cuidando, limpando e amando um bebê, pude escrever.

Agradeço aos Colegas que já aposentaram, Bento Borges e Marcio Tannus.

Agradeço, in memoriam, a Wagner, Jacob e Carlos.

Agradeço a Alcino Bonella, um ser humano incrível. Agradeço a Olavo Calábria pela alegria e seu Kant, Anselmo Tadeu, nosso Santo Anselmo; Igor Silva Alves, amigo de toda hora; Jairo Dias, Rubens, José Benedito, Luiz Carlos, o Luizão, Sertório; a Marcos Sênedá, o homem que, garantem, colocou uma vaca no RU da Unicamp e é o Kantiano mais certinho que conheço; agradeço ao caçula da casa, Luiz Marcos, com quem espero poder fazer grandes trocas filosóficas.

Agradeço a Wojciech Starzynski, o polonês mais brasileiro que existe, eterno Polish pet.

Agradeço a Alexandre Guimarães, a alma do IFILO, o amigo, o parceiro de alegrias, o homem da política acadêmica, o sonhador, o cartesiano mais foucaultiano que existe, o eterno Diretor, aquele que na philia nunca solta a mão.

Agradeço à psicóloga mais filósofa que existe, Ana Paula de Ávila Gomide.

Agradeço, de modo muito especial, a todo corpo técnico administrativo, pois sem essas mulheres e homens nada aconteceria; não haveria aulas, tampouco a gestão: Marcos Henrique, Sandra Mara Bertolucci, Ciro, Ericksen, Lilia, Andrea, Marielle, João Vitor, Gabriela e Suellen. Esse corpo técnico é a mola mestra do IFILO-UFU, são amigos, são leais, são o que fazem a Filosofia funcionar.

Agradeço aos amigos dos tempos da Biologia que, naquela escola da cidade do Rio de Janeiro, disseram para eu ir em busca da paixão. Simone Marinho, e seu companheiro Vinícius, Waldson Guido, Roberto Antunes, Gisele e André Batalha. In memoriam, aquela que deveria estar comemorando aqui comigo, Sandra.

Agradeço aos amigos da colhida em meu GT, pessoas que me tomam nos braços, me fazem querer melhorar, me fazem sorrir. Pessoas que aprendi a respeitar e amar. Meus dois Marcelos, Rangel e Moraes; ambos foram meus alunos, hoje companheiros de jornada acadêmica, transcendem o trabalho e me dão o acalanto da philia. Um é um Lorde Inglês, o outro um Zé Pelintra, ambos são afeto em demasia.

Agradeço à Elisa de Magalhães e Wilton Montenegro, arte e filosofia, amizade e alegria que transcendem esse GT Alteridade e Desconstrução. Agradeço à Carina Blacutt, que nesta jornada da Alteridade me traz Clarice Lispector como pachamama, um símbolo daquilo que é ensinar e aprender. Agradeço a Gustavo Silvano que, do ônibus da ANPOF de 2006 ao Encontro na Serra da Capivara, se mostra poesia cotidiana.

Agradeço à Magda Guadalupe, inspiração da pesquisa sobre o feminismo, pioneira e amiga. Agradeço à Carla Rodrigues, a jornalista que me inspirava com seus textos feministas e que se tornou companheira das escritas filosóficas derridianas.

Agradeço aos amigos de jornada do NEAB e da ANPOF.

Agradeço a Natália Amorim, Diego de Souza Avendaño, Luiza Anselmo, Alberto Luiz, Tosh, Fernando Galine, em nome de todos meus alunos que sempre são o foco de meu trabalho.

Agradeço às amigas e aos amigos da minha querida Goiás Velho, Ana Carolina e Ana Gabriela, Alemar e Marcelo.

Agradeço a todos citados neste Memorial, como Diogo Novaes e à linda e carinhosa amiga Ilza; em especial, agradeço a minha amiga Rafaella Franco Binatto que consegue, no caótico, sempre estar presente.

Ao fim, agradeço às amigas do 'As piran tes do café', Paula Alves Prudente Amorim, Viviene Garcia de Figueiredo e Vanessa Fayad.

RESUMO

Este memorial é a minha narrativa pessoal e acadêmica, uma metáfora discursiva de um pensamento que começa na adolescência e se transforma ao longo de uma trajetória intelectual e profissional. Desde a primeira graduação, a Biologia, até me encontrar com os dois pés fincados na Filosofia, narro minhas memórias através da história de encontros e da *philia*. Uma escada e um prédio no Centro do Rio de Janeiro dão o tom desta escritura. A partir da minha docência e da minha pesquisa abro esse trabalho preambulando por meio de recortes e retratos autobiográficos de uma filósofa brasileira. De início, faço, de uma espécie de reverência àquelas que me antecederam, como mulher e pesquisadora. Ora, estas são minhas memórias acadêmicas, e elas versam sobre a trajetória dessa carioca que nasce na Tijuca e lá se cria. É a história de uma paixão regada pela *philia*. Uma espécie de *otobiografia*, como pensado por Jacques Derrida. Afinal, nos meus recortes, o que importa é dar um outro sentido ao meu biográfico e a minha assinatura. Donde, desde o início de minha graduação, haver uma estreita vinculação entre as vivências e a produção intelectual. E, na esteira de Derrida, aponto para o fato de só artificialmente podermos separar um texto da vida de seu autor. Não há nada desinteressado nas vivências que acumulo. Meu memorial, portanto, tem como objetivo escutar as vivências dessa professora que está sempre em formação, que se quer uma filósofa brasileira. Donde, mais que uma *otobiografia*, faço, como clama Conceição Evaristo, *Escrevivências*. É minha vida que se escreve na vivência, escrevendo o mundo que enfrento. *Escrevivendo*, então, documento minha formação e percurso até o segundo semestre de 2024. Nele, são registradas experiências marcantes e atividades que moldaram minha atuação como docente e pesquisadora. O documento está estruturado em cinco capítulos, além a da *Apresentação* e *Preâmbulo*. O primeiro, *Uma Flâneuse Em Busca Da Paixão E Do Conhecimento*, narro minha trajetória desde meus mais tenros estudos até o encontro na graduação em Filosofia no IFCS-UFRJ. Neste capítulo ainda, narro memórias do Mestrado e do Doutorado. O Capítulo II, *Um Novo Lar: Uma Filósofa No Cerrado*, narro minha história na UFU, desde 2008 até os dias de hoje. O Capítulo III, *Um Apêndice Ou Outros Lugares De Philia*, falo dos encontros via NEAB e ANPOF e do como valeu a pena sonhar e me apaixonar pela Filosofia. O Capítulo IV, *Epílogo: Um Barco Com Muitos Mares A Navegar*, se apresenta como um fechamento de texto, sem conclusão, pois há mares para essa docente e pesquisadora ainda navegar. Por fim, o Capítulo V, no qual aponto algumas das minhas produções bibliográficas. Toda demais produção acadêmica e de gestão estão comprovadas no SEI e no Currículo Lattes; cabendo a este Memorial atender aos requisitos necessários para a promoção da Classe de Professor Associado IV para a Classe de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior, conforme estabelecido pela Portaria do MEC n.º 982, de 03 de outubro de 2013, e pela Resolução n.º 03/2017, de 09 de junho de 2017, do Conselho Diretor — Condir da Universidade Federal de Uberlândia — UFU, modificada pela Resolução SEI n.º 05/2018, de 22 de agosto de 2018, do Condir da UFU.

Palavras-Chave: Memória; *Philia*; Paixão; Ensino; Pesquisa; Filosofia



ABSTRACT

This memoir is my personal and academic narrative, a discursive metaphor for a way of thinking that begins in adolescence and transforms over the course of an intellectual and professional career. From my first degree, Biology, until I found myself with both feet planted in Philosophy, I narrate my memories through the history of encounters and *philia*. A staircase and a building in the center of Rio de Janeiro set the tone for this writing. Based on my teaching and research, I open this work by wandering through clippings and autobiographical portraits of a Brazilian philosopher. To begin with, I pay a kind of reverence to those who have preceded me as a woman and as a researcher. Now, these are my academic memoirs, and they deal with the trajectory of this carioca woman who was born in Tijuca and raised there. It's the story of a passion fueled by *philia*. A kind of otobiography, as Jacques Derrida thought. After all, in my clippings, what matters is giving another meaning to my biography and my signature. That's why, from the beginning of my degree, there was a close link between my experiences and my intellectual production. And, in the wake of Derrida, I point out that we can only artificially separate a text from its author's life. There is nothing disinterested in the experiences I accumulate. My memoir, therefore, aims to listen to the experiences of this teacher who is always in training, who wants to be a Brazilian philosopher. So, more than an otobiography, I am, as Conceição Evaristo calls it, writing experiences. It is my life that is written in experience, writing the world I face. Escrevivendo, then, documents my formation and journey until the second semester of 2024. It records important experiences and activities that have shaped my work as a teacher and researcher. The document is structured in five chapters, in addition to the Introduction and Preamble. The first, *A Flâneuse in Search of Passion and Knowledge*, recounts my journey from my earliest studies to graduating in Philosophy at IFCS-UFRJ. In this chapter, I also recount memories of my Master's and Doctorate. Chapter II, *A New Home: A Philosopher in the Cerrado*, tells my story at UFU, from 2008 to the present day. Chapter III, *An Appendix or Other Places of Philia*, talks about the meetings via NEAB and ANPOF and how it was worth dreaming about and falling in love with philosophy. Chapter IV, *Epilogue: A Boat With Many Seas to Sail*, presents itself as a closing of the text, without a conclusion, because there are still seas for this teacher and researcher to sail. Finally, Chapter V, in which I point out some of my bibliographical productions. All other academic and management production is proven in SEI and in the Lattes Curriculum; this Memoir meets the requirements for promotion from the Associate Professor IV class to the Full Professor class in the Higher Education Career, as established by MEC Ordinance no. 98/2017, of October 3, 2013, and by Resolution no. 03/2017, of June 9, 2017, of the Board of Directors - Condir of the Federal University of Uberlândia - UFU. No. 982, of October 3, 2013, and Resolution No. 03/2017, of June 9, 2017, of the Board of Directors - Condir of the Federal University of Uberlândia - UFU, modified by Resolution SEI No. 05/2018, of August 22, 2018, of the Condir of UFU.

Keywords: Memory; *Philia*; Passion, Teaching; Research; Philosophy



Sumário

APRESENTAÇÃO	15
PREAMBULANDO OU RECORTES E RETRATOS AUTOBIOGRÁFICOS DE UMA FILÓSOFA BRASILEIRA	16
<i>Recortes e Retratos Autobiográficos de uma Filósofa Brasileira</i>	17
<i>Um Abre Alas ou o retrato de uma Ovelha Outra da família</i>	18
<i>A parentalidade</i>	18
<i>Uma boa educação e os primeiros passos</i>	19
<i>Entre rabiscos de uma criança, a história da arte e o thaumazein (θαυμάζειν)</i>	22
CAPÍTULO I: UMA FLÂNEUSE EM BUSCA DA PAIXÃO E DO CONHECIMENTO	23
<i>Uma Aprendizagem e um Giro de 180 Graus: Ou A escada e uma Paixão</i>	24
<i>A Filosofia</i>	24
<i>Duas casas, dois abrigos: ‘a escada e uma paixão’ e ‘um lar para filosofar até os últimos dias’</i>	25
<i>O IFCS ou ‘a escada e uma paixão’</i>	26
<i>O Departamento de Filosofia e os colegas de sala e escadaria: a graduação</i>	27
<i>Três disciplinas, os mestres e uma mulher para se inspirar</i>	31
<i>Aos Mestres com carinho</i>	35
<i>Os Cúmplices da Escada</i>	36
<i>Nasce uma pesquisadora: A Pós-Graduação</i>	40
<i>A mão estendida: orientação para o futuro e um olhar acolhedor para o agora</i>	43
<i>Descortina-se a pesquisadora: A Tese e os anos de produção</i>	46
<i>Éramos seis: os quase jubilados</i>	49



CAPÍTULO II: UM NOVO LAR: UMA FILÓSOFA NO CERRADO	53
<i>Um lar para filosofar até os últimos dias</i>	54
<i>Um Céu para chamar de meu</i>	54
<i>Acolhimentos: uma nova família</i>	56
<i>Trajetórias: a filosofia como philia</i>	58
<i>Amores que se consagram: a philia para além do studiosus</i>	67
CAPÍTULO III: UM APÊNDICE OU OUTROS LUGARES DE PHILIA	73
<i>O NEAB, o DIEPAFRO: E as comissões de heteroidentificação</i>	74
<i>ANPOF</i>	76
CAPÍTULO IV: EPÍLOGO: UM BARCO COM MUITOS MARES A NAVEGAR	82
CAPÍTULO V: PRINCIPAIS ATIVIDADES BIBLIOGRÁFICAS	85



Apresentação

O que é apresentar um memorial? Dito isso, procuro, academicamente, fazer essa apresentação. Afinal, este é um trabalho a ser lido por uma banca que o avaliará; assim como, há regras a serem seguidas. Todavia, como diz meu amigo e colega, presidente da banca, Rafael Cordeiro, que também avaliará este texto, eu faço *georgices*. Este texto, portanto, possui a minha marca, meu estilo, pois esse é meu modo de, dentro do mínimo, transgredir para olhar o novo. Serei sucinta aqui, haja vista o texto ter sua coerência e seu modo de se escrever e existir.

Em uma escrita autobiográfica, passeio pela história acadêmica e pessoal, que se entremeia neste modelo academicista. Faço uma escolha. E como toda boa escolha, corro os meus riscos. Parto, assim, de quem sou, de onde vim e como aqui cheguei. Trago comigo as mãos estendidas daqueles que estiveram comigo no percurso de minha graduação até a data de hoje. Ouso formatar meu texto de modo diferenciado e almejo que aqueles que o leiam assim se agradem.

Para não dizer que não tenho uma formalidade, abro espaço nesta apresentação para falar do que escrevi neste memorial.

Este Memorial Acadêmico é dividido em Apresentação; um *Abre Alas* ou Recortes e Retratos Autobiográficos De uma Filósofa Brasileira e; mais cinco capítulos

Capítulo I: Uma *Flâneuse* Em Busca Da Paixão E Do Conhecimento

Capítulo II: Um Novo Lar: Uma Filósofa No Cerrado

Capítulo III: Um Apêndice Ou Outros Lugares De *Philia*

Capítulo IV: Epílogo: Um Barco Com Muitos Mares A Navegar

Capítulo V: Principais Atividades Bibliográficas

E assim finalizo a *Apresentação*, pois, de fato, ela se dá no *Preâmbulo*.



Preambulando
Ou
Recortes e Retratos
Autobiográficos de uma
Filósofa Brasileira



Recortes e Retratos Autobiográficos de uma Filósofa Brasileira

Um memorial para Titulação possui certos critérios. Afinal, é nossa trajetória acadêmica que está sendo narrada. Um memorial, assim, apresenta, documentalmente, o testemunho da nossa experiência no âmbito universitário, acadêmico, considerando as nossas ações de ensino, pesquisa e extensão. Todavia, ser uma professora universitária, ao contrário do que muitos imaginam, não se separa de minha história de vida, ainda mais em um país patriarcal, misógeno e repleto de desigualdades sociais e diferenças culturais. Há alguém que nasceu, cresceu em um dado ambiente, com uma certa família; que possui uma biografia, com relações sociais e afetos. Tal conjunto de ações forma esta docente que se abre à possibilidade de tornar-se *professora titular*.

Mas há algo além...

Ora, ao falar de minha defesa de titularidade, sou obrigada a informar qual área é a do meu conhecimento. Almejando, portanto, o *status* de Professora Titular de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, deparo-me com o fato de a Filosofia, na tradição, tentar apartar o filósofo de sua biografia. Não creio nesta possibilidade; donde para tratar minha trajetória, em especial a minha ou minhas pesquisas, é necessário antes dizer quem sou, de onde vim e como cheguei aqui. Algumas questões, assim, necessitam ser respondidas em um álbum de retratos autobiográficos, repleto de recortes. Em uma brevidade necessária, buscarei responder a essas tão importantes, pelo menos para mim, perguntas.

Quem é essa que escreve? Quem é esta mulher, mãe de dois filhos, João Guilherme e Kaike, com três casamentos, divorciada duas vezes e que traçou uma trajetória filosófica após alguns anos atuando na área de Biologia? De onde vem a mulher que se tornou filósofa e que aos 57 anos pleiteia a Titularidade na Instituição que a abraçou e que ela abraça faz 16 anos? Por que razão minhas pesquisas possuem determinados temas? Por que trilhas caminhei para chegar aqui? O que isso tem de importância em minha trajetória acadêmica?

Pedindo passagem à história das mulheres de minha família, àquelas que sonharam e não puderam realizar ou foram paralisadas no meio do caminho, abro as alas de uma trajetória que se mistura e integra àquilo que hoje sou.



Um Abre Alas ou o retrato de uma Ovelha Outra da família

Retomando dois títulos de meu livro, *Querendo ou Podendo ser Lilith*, abro esta mini narrativa de uma mulher brasileira que chegou até aqui.

Nascida na Cidade Maravilhosa, antiga capital do Brasil, esta carioca chegou ao mundo às 12:05 h do dia 26 de agosto de 1967, em plena Ditadura. Pouco mais de um ano depois, instaura-se o AI-5. O lugar e o tempo histórico são fatores fundamentais na minha formação social, cultural e escolar, da qual falarei adiante. Filha de uma família de classe média, moradora da Tijuca, sofri os impactos tanto do tempo em que nasci quanto o das gerações que me antecederam. Afinal, talvez sem as histórias que formaram minha família ou a História de meu País, eu aqui não estaria para fazer essa escrita. Dito isso, toda essa narrativa tem acontecimentos que só foram alcançados intelectualmente com certa maturidade, mas que explicam escolhas na minha vida pessoal e na filosofia que faço.

A parentalidade

Minha mãe, Dyrce, uma mulher negra, era chamada de mulata¹ pela família do meu pai. Com dificuldades, estudou e se tornou professora primária, formada pelo Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Sua profissão lhe permitiu sustentar a mãe e a irmã caçula. Minha mãe é filha de Edith, uma baiana, também mulher preta e filha de filho de ‘escravos libertos’² com portugueses. Minha avó Edith foi sozinha para o Rio de Janeiro, após o falecimento de toda sua família, aos 17 anos; talvez acompanhada por uma madrinha, mas isso pouco importa. O que importa é que obviamente tornou-se empregada dos padrinhos que a acolheram na Cidade Maravilhosa; parou estudos importantes; deixou de tocar violino; trabalhou na tal da ‘Roda’, onde as crianças eram deixadas por suas mães; casou-se com meu avô, um homem de seu tempo e que a abandonou, que também era filho de filho de escravizados com portugueses e de uma indígena que vivia calada, pelo que se narra. Edith criou praticamente sozinha os quatro

¹ O termo, que define o animal mestiço, Mula, passou a ser usado, segundo o dicionário Houaiss, a partir do século XVI como analogia para se referir a filhos de mãe branca e pai negro ou vice-versa. Ou seja, compara-se um animal mestiço com um ser humano que descende de brancos e negros. Ainda, a o redor desse termo, também ronda todo um imaginário de hipersexualização das mulheres pretas

² Ouvei minha avó, mulher pequena e muito fechada, se referir a isso duas vezes para meu pai enquanto este escrevia a árvore genealógica da família. Talvez meu bisavô era filho de pessoas nascidas pela lei do Ventre Livre ou alforriados.



filhos, dentre eles minha mãe. Dyrce, a professora primária, formou-se posteriormente em Direito, comigo já nascida, mas nunca exerceu a profissão. Minha mãe era do bairro da Tijuca.

Meu pai, Jorge, já falecido. Era filho de imigrantes, pai italiano e mãe portuguesa, minha avó Maria. Nunca soube se minha avó sabia escrever. Ela, logo após meu avô falecer, teve a ruptura de três aneurisma, inoperáveis à época, e ficou paraplégica numa cadeira de rodas até seus últimos momentos, aos 76 anos. Meu pai tinha 15 anos quando tudo isso aconteceu. Terminou de ser criado pela irmã mais velha, minha tia Ruth, que havia se casado com um médico. Meu pai nunca fez, ou melhor, terminou uma faculdade, mas amava e me ensinou a amar os livros, os vinhos e uma boa vida. Meu pai morava no Leblon. Era desquitado quando conheceu minha mãe.

Sou a filha mais velha, portanto, de um casal bem singular, de uma união interracial no final dos anos 1960. Uma relação de concubinato, complexa demais para a época. Sou filha de uma professora primária, com pouco dinheiro e arrimo de família, com um bancário; sou fruto de uma união estável no final da década de 1960 em um Brasil conservador demais, ditatorial, preconceituoso e racista. Criada na Tijuca, fui muito cedo para a escola. Naquele tempo não havia creches para mulheres trabalhadoras, como minha mãe; donde, estudar na escola que minha mãe lecionava foi mais fácil. Fiz meu primário na *Escola Municipal Estados Unidos* (e dançava o 4 de Julho nas festas comemorativas). Terminei o primário aos nove anos de idade, sendo obrigada a retornar o ano escolar por não poder legalmente ser matriculada na, então, quinta série.

Uma boa educação e os primeiros passos

Como a maioria das famílias de classe média daquela época, principalmente as advindas de vicissitudes na própria história, foi-me oportunizado, assim como ao meu irmão Claudio, uma boa educação. Sem medir esforços, matricularam-me em uma das melhores escolas do Rio de Janeiro, *O Colégio Marista São José*. Um colégio que possuía um dos melhores ensinamentos e uma das maiores mensalidades; todavia, na mesma intensidade da qualidade educacional e do preço a ser pago, esta era uma escola racista e elitista. Eu estava com dez anos de idade — uma menina parda e de cabelos alisados, filha de união interracial, morando de aluguel e de classe média— e me encontrava diante de uma turba de colegas e professores preconceituosos; para além, havia muita coisa escondida na minha história, coisas que não podiam ser faladas naquela época, como por



exemplo, meus pais terem se casado após a Lei do Divórcio, coisa que nem eu mesma sabia. Entretanto, todo esse contexto e, em especial, ter sido aluna marista me forjou com uma força e uma diretriz que, caso tivesse estudado em outro lugar, provavelmente não as teria. A agressividade de certos professores com minha pessoa, o racismo dos colegas e, concomitante a isso, minha desconfiança enorme do que nos ensinavam em OSPB, fizeram da menina tímida e calada, uma adolescente desafiadora e imponente. Resquícios, mais bem elaborados ao longo dos anos, que sei trago até hoje. O *Colégio Marista* também me deu uma religiosidade, a qual segui fervorosamente por um certo tempo, o Catolicismo.

Aos 14 anos ingresso no então Segundo Grau, no *Colégio Guanabara* do Grupo Miguel Couto Bahiense. Agora com meus cabelos crespos assumidos e um modo de ser mais alternativo. Nessa época, meus pais queriam muito que eu fizesse medicina; podemos dizer que havia certa pressão. O lado do Leblon já possuía médicos, engenheiro e advogado. Mas meus primos são 25 anos mais velhos que eu e criados, como já se sabe, na zona Sul do Rio de Janeiro. Do outro lado, na Zona Norte, havia Dayse, irmã caçula de minha mãe, minha madrinha; uma mulher linda e de uma inteligência gritante, formada em Física. Dayse seria a primeira mulher com mestrado, o que por si só já era transgressor, principalmente na parte preta de minha família materna. Infelizmente, um transtorno psiquiátrico a impediu de terminar. É importante ressaltar um fato conturbado familiar, com exceção de minha mãe, todas as mulheres da família materna daquela geração foram internadas em hospitais psiquiátricos. Eram outros tempos, e eu uma criança.

Ora, no lado da Tijuca, portanto, eu era a mais velha, deveria ser um exemplo. Mas, como uma boa *Ovelha Outra*, obviamente não o fui. Neguei-me a fazer o, então, Colégio Normal para ser também professora primária, passei a andar tanto com os amigos do Grupo Jovem da Igreja quanto com pessoas alternativas da escola. Nenhuma possibilidade de ser médica, frustrando um pouco a família. Apaixonei-me por História e Biologia.

É importante salientar que neste período já nos encontrávamos no fim da Ditadura e muita coisa poderia já ser falada e estudada. Minhas suspeitas quanto ao professor de OSPB, do *Colégio Marista*, estavam confirmadas. Na escola agora falavam de vida, genética e, simultaneamente, de política através das aulas sobre a Segunda Guerra e a Guerra Fria. Os partidos políticos haviam sido restaurados, queríamos votar. Recordo-me dos meus dois professores de História, Joselito e Domingos, dois homens



negros, grandes e potentes. Escrevendo esse texto, percebo o quanto eles me marcaram. Em uma lembrança, rememoro ambos emocionados, no ano de 1984, por poderem proferir uma palestra sobre Reforma Agrária. A escola era bem progressista, tínhamos aulas de História da Arte, fazíamos saraus culturais, criamos um jornal estudantil e tínhamos reuniões clandestinas da UNE, a União Nacional dos Estudantes, ainda proibida nesses tempos. Eram as *Diretas já*, e eu tinha de escolher aos 16 anos uma profissão. Mãe e pai criando, por assim dizer, situações de convencimento para medicina, e eu apaixonada por Origem da Vida, o Ser, Artes e Política. Mas, nunca sequer pensara em Filosofia, não tinha ideia nem do que era, apesar de já ter lido Sartre e Nietzsche. Ainda estudava sobre a égide da educação da Ditadura, mas meu pai amava os livros e eles estavam nas prateleiras e armários de minha casa, prontos para serem devorados por olhos famintos de conhecimento.

Meus pais jamais permitiriam que eu fizesse História. Uma *Ovelha Outra*, mas ainda uma menina de 16 anos, na década de 1980. Entre o Ser, que eu julgava biológico e capaz de capturar através da genética, e a política e os estudos dos Totalitarismos, fiquei com a Biologia. Em 1985, aos 17 anos, ingresso na *Universidade Gama Filho* para cursar Ciências Biológicas, onde fico até dezembro de 1989, entregando meu TCC: “Zooplâncton de água doce nos córregos do Parque da Cidade no Rio de Janeiro”. Neste interim, ainda em 1985, consigo um estágio, no qual lecionaria Biologia em uma escola estadual noturna. Eu mal havia entrado na Universidade e a sala de aula se abriu para mim, uma semana antes dos meus 18 anos. E nela estou completamente entregue à paixão por lecionar, até hoje.

Não é que não gostasse da Biologia, e apesar de ainda recordar muita coisa, nunca foi uma paixão. Para além da zoologia, genética e paleontologia, meus interesses estavam em formar um Centro Acadêmico, ainda proibido naquela época. Recordo-me de uma paralisação estudantil nas Instituições particulares, éramos 5 mil alunos nas ruas, aproximadamente. Obviamente eu estava lá, como estive em outras situações que, sendo televisionadas, causaram-me polêmicas domiciliares, por assim dizer. Mas o que importa é que começo a dar aulas no ensino básico e já em 1990 sou contratada com carteira assinada pelo *Colégio Pinheiro Guimarães*, onde lecionei até meados do ano de 2000 quando entro no Mestrado em Filosofia. Não havia mais como conciliar as duas coisas.

Por mais que eu estivesse, de certa maneira, na área que estudei, mesmo como professora de ciências e biologia, havia um vazio de conhecimento, vazio este que demorou seis anos a ser preenchido na sua completude, pois até encontrar a Filosofia —



foco desta trajetória acadêmica que precisa ser narrada na sua íntegra —, eu nunca parei de estudar e procurar a paixão que me faria dar um giro de 180 graus em minha vida, pessoal e profissional.

Entre rabiscos de uma criança, a história da arte e o *thaumazein* (θαυμάζειν)

Eu sempre gostei de desenhar. Meu pai comprava revistas estrangeiras que ensinavam traços, mistura de tintas, desenhos de vestimenta e afins. Eu tinha por volta dos meus 10 ou 11 anos. Elas existem até hoje, meu caçula ainda faz uso delas. Destes desenhos, surge uma outra paixão, a moda como arte. Desenho e moda me fizeram, por questões que não vêm ao caso, me matricular e estudar por um ano no Senac. O Ano é 1990 e eu faço cursos de desenho de moda, figurino e produção. Entre 1991 e 1992, trabalho como estilista para uma loja, concomitante à profissão de professora de biologia. Ainda em 1992, sentindo falta de estudo e, aproveitando-me do fato de ganhar uma bolsa em uma Escola Técnica de publicidade, estudo e me formo em Técnica em publicidade. Com certeza era uma busca!

Eu realmente gostei muito de todos os cursos, mas ainda não havia a tal paixão. O vazio de conhecimento se mantinha.

Em 1993, caso-me pela primeira vez, o que aumenta a quantidade de aulas e responsabilidades. Por lecionar na Zona Sul do Rio de Janeiro, em especial em Ipanema, tornou-se fácil encontrar, em locais próximos ao trabalho, diferentes cursos livres de História da Arte; e não foram poucos. Os horários eram preenchidos nas janelas entre as aulas ministradas. Posso dizer que — entre a arte Bizantina, Giotto, Rembrandt ou Rodin — o coração pulsava mais forte. A arte me encantava, como ainda me encanta, mas a política também estava lá. Em 1995 tomei a resolução de finalmente fazer o tão sonhado curso de História, aquele que não pudera prestar o vestibular na adolescência. Foi quando um querido colega historiador, que lecionava comigo, alertou-me. O colega era André Batalha, que curiosamente tornou-se professor no *Colégio Marista São José*, onde estudei. André afirmou que o que queria não era História, mas sim Filosofia. Eu desconhecia completamente a área. Mas fui convencida, já que estava afastada de certas aprendizagens, a tentar Filosofia e, caso não gostasse, pediria para migrar para o curso de História. Ainda bem que segui os conselhos de André Batalha. Em setembro de 1996, começo meu curso de Filosofia na UFRJ.



I

Uma flâneuse em busca da Paixão e do conhecimento



Uma Aprendizagem e um Giro de 180 Graus

Ou A escada e uma Paixão

A mulher não está sabendo: mas está cumprindo uma coragem. Com a praia vazia nessa hora, ela não tem o exemplo de outros humanos, que transformam a entrada no mar em simples jogo leviano de viver. Lóri está sozinha. O mar salgado não é sozinho porque é salgado e grande, e isso é uma realização da Natureza. A coragem de Lóri é a de, não se conhecendo, no entanto prosseguir, e agir sem se conhecer exige coragem.

Vai entrando. A água salgadíssima é de um frio que lhe arrepiava e agride em ritual as pernas.

Mas uma alegria fatal - a alegria é uma fatalidade - já a tomou, embora nem lhe ocorra sorrir. Pelo contrário, está muito séria. O cheiro é de uma maresia tonteante que a desperta do seu mais adormecido sono secular.

E agora está alerta, mesmo sem pensar, como um pescador está alerta sem pensar. A mulher é agora uma compacta e uma leve e uma aguda - e abre caminho na gelidez que, líquida, se opõe a ela, e no entanto a deixa entrar, como no amor em que a oposição pode ser um pedido secreto.

O caminho lento aumenta sua coragem secreta - e de repente ela se deixa cobrir pela primeira onda! O sal, o iodo, tudo líquido deixam-na por instantes cega, toda escorrendo. Espantada, de pé, fertilizada.

Agora que o corpo todo está molhado e dos cabelos escorre água, agora o frio se transforma em frígido. Avançando, ela abre as águas do mundo pelo meio. Já não precisa de coragem, agora já é antiga no ritual retomado que abandonara há milênios. Abaixa a cabeça dentro do brilho do mar, e retira uma cabeleira que sai escorrendo toda sobre os olhos salgados que ardem. Brinca com a mão na água, pausada, os cabelos ao sol, quase imediatamente já estão se endurecendo de sal. Com a concha das mãos e com a altivez dos que nunca darão explicações, nem a eles mesmos: com a concha das mãos cheias de água, bebe-a em goles grandes, bons para a saúde de um corpo.

E era isso que lhe estava faltando: o mar por dentro como o líquido espesso de um homem.

"Uma aprendizagem ou o Livro dos Prazeres", Clarice Lispector

A Filosofia

Rio de Janeiro, setembro de 1996, Largo do São Francisco n. 1. Chego à antiga Escola Politécnica de Engenharia, atual Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, o IFCS. Meu primeiro período de Graduação em Filosofia coincide com minha primeira aula de Filosofia na vida. A sala do terceiro andar e a disciplina de Antiga 1, o Prof. Fernando Santoro entra em sala, enche a lousa em grego clássico e eu simplesmente não entendo absolutamente nada. Aqui começa uma trajetória marcada pelo

desconhecido, pelo espanto (θαυμάζειν), uma escada em caracol, uma guinada de 180° e uma violenta e poderosa paixão.

A menina que havia se apaixonado pelos Estudos dos totalitarismos, que queria entender política para além das práticas cotidianas, a que buscava um Ser, em meio ao *thaumazein* redescobre a arte e a vontade de pensar fora da caixa.

A aula de Antiga 1, cujo trabalho final guardo até os dias de hoje, marca de maneira inexorável a mulher que surge com a Filosofia. Um professor assustado com a pergunta da aluna bióloga, “[...] eu sempre soube que o homem era um bicho, agora como fazer o bicho pensar?”, a resposta veio através de Aristóteles. O Prof. Santoro, olhando-me com o espanto de quem jamais esperaria aquela pergunta, indica o *Historia Animalium* de Aristóteles. Ainda observa, perspicazmente, que tenho uma queda por literatura; então me aconselha a ler a obra de Aristóteles e a me debruçar sobre Arnaldo Antunes. Este primeiro trabalho talvez seja o vislumbre das escritas de hoje. Aristóteles se tornou uma paixão, dele derivaram alguns cursos de grego, a nota máxima naquela disciplina e os dizeres de que ali havia uma filósofa. Esse conjunto de acontecimentos afastou o medo que surgira naquele mês de setembro diante do espanto causado com as aulas de Filosofia. A beira da escada em caracol do prédio construído no início do século XIX, no centro do Rio — que originalmente abrigara a Sé do Rio de Janeiro, entre 1812 e 1858, onde também recebeu a Academia Militar —, se tornou mais que um lugar de estudos, foi abrigo e família. Minha primeira casa filosófica.

Duas casas, dois abrigos: ‘a escada e uma paixão’ e ‘um lar para filosofar até os últimos dias’

Existem diferentes lares se observarmos em perspectiva. Costumeiramente pensamos em lar como abrigo, uma casa como moradia e uma família que se interpela na interpretação do conjunto de parentes, sempre vinculados a estas formas de abrigar. Todavia, a questão está em outra monta, pois para além do conjunto familiar, há casas que nos abrigam e nos formam. Nem todas são lares, mas algumas assim o são. Como já anunciado, tenho mais de uma formação acadêmica. No ato de possuir estudo e escolaridade, sou múltipla, mas nem a todos os ambientes pude chamar de Casa, Lar ou Abrigo. Na minha construção acadêmica, apenas dois lugares se fizeram Lar, com uma familiaridade específica e um conjunto de vizinhança muito peculiar. Nestas casas,



eduquei-me, me formei, e ainda me formo, adquiri hábitos, vivi e mantive tradições, fui e sou rebelde, transgredi, criei vínculos, afetos, filhos.

Diante destas casas, abrigos, que chamo de lares, uma imensidão de acontecimentos surge e faz com que as memórias para a escrita desse memorial não se restrinjam à gama de artigos, aulas, palestras, obras completas que possa ter produzido. Tais produções só existem graças a essa construção, com afagos e momentos críticos, vividos nas minhas duas casas: o IFCS e o IFILO UFU. No entanto, elas nunca estão isoladas, não são ilhas. Circular por essas casas significa deparar-me com pessoas, fazer amigos, ter admiração ou repulsa, fazer escolhas, circular por diferentes ambientes, vizinhanças alternativas. Donde a importância de certas narrativas, sejam elas boas ou desagradáveis, as quais eu vivi e que fizeram da menina que sonhava aos 16 anos esta mulher que se tornou filósofa e pleiteia a Titularidade de sua área em uma Instituição Federal de Ensino e Pesquisa.

Há *‘a escada e uma paixão’* e *um lar para filosofar até os últimos dias’*, nas duas narrativas há histórias e estórias.

O IFCS ou ‘a escada e uma paixão’

O que é o IFCS para quem estudou entre a década de 1990 e o início do século XXI? Dependendo de para quem se pergunte, a resposta pode vir da alegria, do desespero, da conturbação de um lugar, dentre tantos fatores. Para mim isso também é complexo. Como um Lar familiar, o IFCS me foi benção e desespero; foi aprendizado e melancolia. Nesta casa dei meus primeiros passos, aprendi a falar, brinquei, chorei. Fiz os primeiros amigos e descobri a Filosofia, não apenas como área do conhecimento, mas como paixão. Uma paixão avassaladora que poderia até cegar. Mas como todo bom lar, havia uma família, por vezes amorosa, outras não. Mas essa família nunca me permitiu olhar para o Sol sem proteção. Entre Apolo e Dionísio, entre a lucidez exagerada e a embriaguez, encontrei a Lira e a festa. Uma festa com participantes singulares que nomearei nesta escrita. Tais participantes, para além e junto com o jogo dos afetos, foram fundamentais para a Filósofa que escreve no aqui e agora.

Começamos, então, com a parada no pé da escada no terceiro andar....



O Departamento de Filosofia e os colegas de sala e escadaria: a graduação

Como já salientado, o ano é 1996, o mês é setembro e eu adentro ao IFCS para cursar Filosofia. Uma mulher adulta, formada e que não tem muita certeza se deveria estar ali.

Tal qual todo primeiro período, as disciplinas eram basicamente introdutórias, se é que isso existe em Filosofia. Eu me matriculara em Antiga 1, Filosofia 1, Lógica, Cultura, Sociologia, Psicologia e Economia. Havia Fernando Santoro, meu primeiro professor de Filosofia; Ricardo Jardim, cuja disciplina versava sobre Freud e o *A interpretação dos sonhos*; Boris, um professor de Economia, uma disciplina que não me alegrava; Paulo Alcoforado, professor cuja matéria era Lógica Clássica e que se apresentou machista desde o primeiro dia de aula; o saudoso Clauzer, que realizava uma psicologia nas cadeiras da cantina e nos degraus da escada do prédio centenário; Marildo Menegatti com sua Introdução à Filosofia na turma de História; Sociologia foi dada por um grupo de professores variados do curso de Ciências Sociais, em uma turma de psicologia.

Eu chegara mais velha, formada em uma Instituição particular extremamente organizada, com o olhar ávido de conhecimento, mas com a mente fechada na ciência. O IFCS se abriu como Caos para mim. Pouco tempo depois entendi que o *Kaos* pode ser compreendido por uma garganta profunda de onde tudo jorra.

Havia um prédio lindo, mas caindo aos pedaços, professores de bermuda, aulas em grego, Freud, nenhum controle e uma escada. Sem qualquer metáfora, chorei o meu primeiro mês quase que diariamente. Não tinha ideia do que fazia ali. Entretanto, outubro chegou! O choro se tornou alegria e eu descobri o amor. Se Filosofia, na simplicidade da tradução do termo, significa ‘amar o saber’, assim eu amei! Mas se *Eros* me tocou, não o foi de modo tranquilo. Foi avassalador e mediado pelas mãos de mestres e colegas, sendo que muitos dos quais se tornaram grandes amigos.

Fernando Santoro é com certeza o primeiro desses Mestres. O jovem professor, com seus óculos alternativos, cuja armação era comprada na mesma ótica que eu comprava as minhas, com a bermuda e os cabelos desgrenhados, com o apelido de DJ Maguila, abriu a primeira das portas. Uma porta que se escancarava para o corredor do *panóptico* prédio e me levava à escada. Nessa escada foi onde toda dança da paixão começava a se desenrolar. A leitura do texto aristotélico me permitiu criar conversas e discutir questões com meus colegas de classe. A escada era o *point* onde verbalizávamos



acerca de Heráclito e Parmênides e esperávamos sentados nos degraus aquele bate papo, regado a café e cigarros com Clauzer, que quase nunca entrava em sala para ministrar suas aulas.

Naquela escada desenvolvi relações afetivas que trago até hoje. Donde ser impossível não falar de meu veterano, amigo e irmão, que caminha comigo nas encruzilhadas filosóficas dessa vida, Rafael Haddock-Lobo (hoje professor da IFCS). O rapaz com nome de avenida me falava de Hegel e de seu professor e primo, o Prof. Bicca. Com um acolhimento, que nunca lhe foi peculiar, me abraçou e apresentou Aspásia Barcelos (hoje psicóloga), a menina de 15 anos que entrara com ele no semestre anterior ao meu. De minha turma, havia Michael Pontes de Abreu, que veio a ser meu companheiro por pouco mais de dois anos posteriormente, Delmo Mattos (hoje professor da UFMA) e Vladimir Vieira (Professor da UFF). Alguns outros colegas juntavam-se a nós e, nesse momento, eu já sabia que estava em um caminho apaixonadamente sem volta. Rafael foi tão importante na minha formação, e o é até hoje, que merece um capítulo à parte, pois nossos caminhos se cruzam na melhor *philia*.

A escada, especificamente no terceiro andar, é a minha sala de aula preferida.

O ano de 1996 começa a caminhar para seu final, Renato Russo morre, o sol no Centro do Rio fica mais forte, a Folha relança a Coleção Os Pensadores e eu tenho minha participação no meu primeiro grupo de estudos em dezembro. Marildo Menegatti, o professor de Filosofia 1, inicia a leitura de um texto de Kant, *Ideia de uma História universal do ponto de vista Cosmopolita*. A obra, esgotada na ocasião, me apresenta pela primeira vez o filósofo de Königsberg. Repito o que disse à época, um texto brilhante e uma escrita poética. As discussões se tornam primordiais e eu passo a respirar problemas filosóficos.

Este ano é crucial, pois para além das amizades e da descoberta da Filosofia, a menina de 16 anos — que queria estudar o Ser, a Política e as Artes — se mostra viva dentro da Mulher com 29 anos. Quase um reencontro comigo mesma do passado. E foi na escada onde tudo se desvelou.

Ora, o ano termina, ainda sou a professora de biologia casada, mas com um olhar bem diferente daquela que começara aquele mesmo ano. Como diria Rafael Haddock-Lobo, ‘nas encruzilhadas do centro do Rio outros participantes chegam e cruzam’ na escada com a, agora, aluna apaixonada.



O ano vira e dois nomes se destacam nesse início de 1997, Charles Feitosa (Professor hoje da UNIRIO) e Collin Grant (hoje Vice-Chancellor Global as the University of New South Wales). Nenhum dos dois professores era efetivo, Charles havia acabado de chegar da Alemanha e era substituto; Collin era professor visitante. Ter sido aluna e convivido com estes professores se tornou um marco na abertura de possibilidades — há de se ressaltar o fato de serem dois pesquisadores com trajetórias totalmente diferenciadas, que ministravam cursos totalmente díspares um do outro —, daquilo que entendi como ‘meu mergulho em um mar filosófico’. Começam, efetivamente, meus estudos acadêmicos. Nesse ano chega a primeira professora jovem efetiva, que se torna inspiração, Maria Clara Dias, bem como Roberto Machado retorna de seu pós-doutorado na França, mas esse também é um capítulo à parte.

Falemos de Charles e Collin.

O curso é Estética. Um rapaz não muito alto, com um rabo de cavalo gigante, meio emaranhado e camisa xadrez adentra a sala. Nas mãos um caderno com folhas amareladas. O curso versava sobre as *Observações Sobre o Sentimento do Belo e do Sublime*, de Kant, algumas partes da estética de Hegel, alguns textos do segundo Heidegger. Mas, o que mais chama a atenção eram essas leituras comparativas com a Estética do Feio de Karl Rosenkranz. A última obra era traduzida em sala, pois só existia em alemão, por Charles. Cada aula, um texto; cada texto um debate. Ao fim, um artigo sobre estética e o Feio. Falei sobre Dorian Grey e um olhar da filosofia através da literatura. Segunda maior nota da turma, quase um Dez, mas havia gente mais experiente em sala e eu mal sabia digitar no computador.

Este curso foi tão forte e importante na minha formação que, ao longo de um ano participei de mais um grupo de estudos sobre Feio, lendo, não somente as traduções de Charles sobre Rosenkranz, mas diversos textos de diferentes filósofos para comparação. A *Estética do feio* se abriu para mim em diferentes possibilidades que até hoje uso esse material nas minhas pesquisas. Concomitante ao meu desenvolvimento acadêmico na graduação, ela foi base para um projeto de Mestrado, não desenvolvido, e Doutorado, também não desenvolvido, mas aprovada na PUC São Paulo. Mas essas são outras histórias a serem narradas mais à frente.



A relação Filosofia e Literatura, ou melhor, filosofia e arte, se tornou um mote especial no meu desenvolvimento como pesquisadora. Hoje faço bancas de Mestrado e Doutorado nas Letras, me aprofundo na literatura como meio filosófico brasileiro e fiz toda minha carreira a partir de Proust e Albert Camus. Obviamente naquele momento havia apenas uma aluna crua e ávida por conhecer, mas a paixão sempre foi avassaladora.

Ora, se Charles dava uma disciplina equivalente ao segundo ou terceiro período, no qual efetivamente me encontrava, Collin era convidado do prof. Franklin Trein, de quem não tenho lá boas recordações como veremos adiante. Sua disciplina, segundo prof. Franklin só deveria ter por alunos, os concluintes e, de preferência, os escolhidos, seja lá o que isso implicava. Todavia, inexperiente que era e ignorante das premissas do prof. Franklin, matriculo-me nesse curso, inspirada pela colega da disciplina de Economia, Carolina Araújo (hoje professora da UFRJ), que já estava lá pelo quinto período. Eu me encontrava no segundo período da graduação. Acreditava que ter aulas com um professor estrangeiro seria edificante na minha formação, e realmente o foi. Collin foi fantástico, ao ponto de ter feito dois cursos com ele durante seu período na UFRJ.

O curso começa e prof. Franklin apresenta o prof. Collin como aquele que efetivamente daria o curso. Cabe uma ressalva, nunca mais Franklin apareceu para, minimamente, fazer uma sala ao seu convidado durante dois semestres. Mas não antes de escorraçar esta que escreve, pois ao saber que eu cursava o meu segundo período de graduação, informou à turma inteira que eu jamais teria capacidade de cursar aquela disciplina. Felizmente não era mais uma criança e o curso, mesmo em alto nível de dificuldade, com a maioria dos textos em língua inglesa, deu-me, junto com Carolina Araújo, a maior nota da turma e um convite para publicação.

Este curso do prof. Collin versava sobre *Construtivismo radical*. Leituras com Giambattista Vico, Berkley, Piaget, Niklas Luhmann, Habermas, Ernst von Glasersfeld e Siegfried J. Schmidt foram a base desse curso. Na época não havia tradução de Vico para o português, a não ser a Coleção Os Pensadores da década de 1970, só por esta razão não me dediquei mais a seus estudos. Meu artigo final, “Vico e o Construtivismo radical”, me abriu um olhar mais amplo e múltiplo para Filosofia. Naquele tempo jamais passaria por minha cabeça que seria colega de Instituto do autor de artigos sobre Vico que eu lia, Humberto Guido.

No semestre seguinte fiz um outro curso, maravilhoso, com Prof. Collin. Estudamos Bioética a partir das leituras de Maturana e Varela, bem como outros textos menores de alguns autores específicos da área. Nesse curso, além das aulas no IFCS,



tínhamos reuniões semanais, sextas pelas manhãs, na Casa de Oswaldo Cruz, com debates sobre o tema bioética com biólogos, médicos, sociólogos e filósofos. Nesse momento da graduação, eu já brincava, informando que tinha dois surtos por palestra: o biológico e o filosófico.

O ano de 1997, assim, começa com uma pulsão filosófica. Mas é precisamente o segundo semestre deste mesmo ano, ou seja, meu terceiro período, que um direcionamento acadêmico começa a se formar. São três disciplinas específicas, sendo que uma delas se abre como a história daquele que foi responsável pela minha Orientação acadêmica, da monografia à tese, e se perpetua na admiração que tenho até hoje por meu orientador, Guilherme Castelo Branco.

Três disciplinas, os mestres e uma mulher para se inspirar

Antiga 3, esse era o nome da disciplina. Um curso sobre estoicismo a partir da leitura de Émile Bréhier. A sala era um cubículo sem janela onde se apertavam mais de trinta alunos. Eu, Michael e Aspásia já havíamos feito Antiga 1 e Antiga 2 e ouvíamos, pelos corredores, acerca do professor foucaultiano que possuía um olhar diferenciado, menos ortodoxo e mais interessante de se estudar. Naquela sala apertada, com um ar-condicionado que fazia de tudo menos refrescar, estava ele. Uma voz rouca e grave, uma entonação forte e um jeito divertido de dar aula. Guilherme Castelo Branco, esse era o professor de contemporânea que resolveu ministrar uma disciplina de Antiga e lotou sua sala de aula.

O curso versava sobre uma Obra; todavia, como a boa filosofia *ifcsiana*, nunca se resumia a um único texto, eram raras e específicas as exceções. Bergson, Foucault e Ilya Prigogine, eventualmente um Gilson, se presentificavam nas aulas. A dinâmica, naquela sala mínima, era de perguntas e olhares cheios de curiosidade sobre os desdobramentos de um pensamento que tinha como marco 300 a.C. e que repercutia na Filosofia contemporânea. Não foi em vão que no semestre seguinte, Guilherme deu um curso, espetacular, sobre a *Ordem do Discurso* de Michel Foucault. Eu não tenho ideia de quantas disciplinas cursei com Guilherme, pois ao longo da Graduação de meu Mestrado e Doutorado, todos os semestres eu estava na sua aula, mesmo que fosse apenas como ouvinte.



Ao fim desse semestre, no qual três professores me marcaram profundamente, tanto eu quanto Aspásia e Michael sabíamos quem nos orientaria. Afinal, era mais que a disciplina, mais que os autores, que obviamente eram tão importantes quanto fundamentais para quem estava com os dois pés fincados na filosofia de seu tempo presente; antes, era o modo como eles se articulavam na História do pensamento através do jovem professor. Ter Guilherme Castelo Branco como orientador é um marco na minha formação como acadêmica, pois foi além do conteúdo, ensinou-me a ser acadêmica e diferenciada no meu trabalho. Ainda me recordo de nós três indo a sua sala, o cubículo onde tínhamos aulas, para pedir orientação. Sequer sabíamos — naquela época era só assim, um autor e ponto — *quem* iríamos estudar, mas sabíamos quem iria nos orientar. E assim o foi, no meu caso, da graduação até o doutorado.

Claro que Guilherme ficou desconfiado da mulher mais velha, já formada, com um trabalho, casada. O que eu, afinal, queria? Essa mulher de 30 anos que andava com uma garota de 16 e mais meia dúzia de pessoas uns 10 anos mais nova. Mas me acolheu mesmo assim.

Com Guilherme aprendi que estudamos aquilo que nos faz sentido. O Foucaultiano nunca me disse o que estudar, mas sempre me mostrou quais caminhos poderia trilhar. E assim o foi. Muita coisa há de se dizer, mas Guilherme aparecerá ao longo deste texto em diferentes momentos, pois ele é parte constituinte de toda minha formação e tem papel crucial em diferentes momentos nesse percurso. Por agora, apenas o mestre que nos encantou naquele segundo semestre de 1997.

Mas este semestre não foi feito apenas de Antiga 3. Houve a volta, tão esperada, de Roberto Machado. Todos aguardavam um tão sonhado curso sobre Nietzsche, especulávamos ler a *Origem da Tragédia*. Pelo que sabia, fazia anos que não se estudava Nietzsche no IFCS. A volta de Roberto, após dois anos de afastamento, era um marco. Eu não o conhecia. Lembremos, eu caí de paraquedas na Filosofia, e me apaixonei.

Porém esse Nietzsche teve de esperar uns oito anos. Roberto volta apenas falando de Foucault. A disciplina, da qual não recordo o nome, era sobre a *História da Loucura*. Alunos de diferentes cursos, sala cheia. A famosa 301, uma sala gigante e lotada. A experiência de ter sido aluna de Roberto Machado é ímpar para mim, assim como para tantos outros. Todavia, há uma diferença nesse meu trajeto junto a ele. A oportunidade de ter, simultaneamente, conhecido dois modos diferente e fundamentais para ler Foucault. Talvez o autor que eu mais tenha lido, que me inspira em todos os meus textos, mas do qual escrevi um único artigo para uma revista científica. As histórias com



Roberto são várias. Ele fez parte de minha banca de monografia, eu fiz todos os seus cursos enquanto aluna do IFCS. Acompanhei a escrita de livros, com capítulos dados em aula, erámos seu experimento. Recordo-me de uma gravação na minha secretária eletrônica, por ocasião da avaliação de minha monografia: “se queres o dez, corrija umas crases”. Eu apresentei Deleuze através de seu *Proust e os signos*. Fazia tempo que a obra estava esgotada e ninguém escrevia sobre esse tema no IFCS. E ele gostou muito. Outra recordação é acerca de um artigo de final de curso sobre Nietzsche, já no Doutorado, e qual enviei umas dez versões, a cada nova, um acréscimo meu. Esse trabalho era fruto de grandes debates que tinha com Roberto nas aulas da pós. O e-mail veio do seguinte modo, “Georgia Amitrano, está excelente, mas, mais uma versão e eu lhe reprovó”. Artigo foi publicado posteriormente.

É bom lembrar também o quanto Roberto foi importante na formação extra o próprio Roberto; afinal, ao longo de sua vida no IFCS, nos proporcionou, enquanto alunos, não somente diferentes cursos, primorosos; mas, antes, trouxe as oportunidades de conhecermos *o para além* dos muros da UFRJ. Com Roberto Machado, por exemplo, tive a oportunidade de cursar por três meses uma disciplina com Philippe Lacoue-Labarthe. Aprendi francês na marra. Foi um momento fundamental da minha formação como graduanda e, posteriormente, como pesquisadora.

Ora, eu anunciei três disciplinas, falei dos mestres e de uma mulher para me inspirar. E é dessa mulher que vou dizer agora. Ainda me lembro do meu primeiro dia de aula com Maria Clara Dias. Ela passa no concurso em 2007, se não me engano, e eu precisava fazer Filosofia 2, que não havia feito no semestre anterior por conta de meus horários de trabalho. Digamos, foi um encontro muito feliz.

Mulheres na Filosofia são poucas. Nas grandes Universidades, principalmente na década de 1990, as nossas professoras possuíam um perfil, no qual a feminilidade ficava apagada. Eu tinha professoras, três na verdade. Todavia, não eram representativas do que eu mesma me concebia, por mais que as admirasse pela competência e trabalho. Mas foi em uma tarde chuvosa, que a representatividade entra em sala. Há uma mulher linda, esguia, de cabelos negros compridos, trajando calça e camisa pretas. No pescoço usava uma espécie de gargantilha diferenciada, também preta. Um semblante sério e, ao mesmo tempo, confortável. E assim foi minha disciplina de Filosofia 2: Descartes, Hume e Kant, a tríade Moderna. No quadro, degradado pelo tempo e pela falta de verba (eram os anos nada dourados de Paulo Renato no Ministério da Educação), esquemas se alinhavam às



análises dos textos. Com um modo firme e doce no falar, Maria Clara nos fazia prestar atenção. E meditávamos cartesianamente e descobríamos a razão pura em Kant.

Eu realmente me empenhei. Até hoje, Maria Clara recorda o fato de eu fazer toda uma biografia, bem *manualesca*, dos autores antes de começar propriamente as análises das obras; e isso em cada trabalho. Era meu modo de situá-los no tempo e no espaço. Eu era a professora de biologia, minha cabeça possuía os resquícios da cientificidade sem o pensamento filosófico. Ainda uso muito a biografia dos pensadores que me cativam, só que de um modo muito diferenciado daquele tempo; posso dizer que, de certo modo, havia um prenúncio que foi se sofisticando com a bagagem dos anos. Afinal, meus pensadores são sempre vivos e têm história, mesmo que estejam mortos.

O curso foi excelente e me deu a dimensão da modernidade que ainda não havia contemplado. E isso é um fato inegável. A linha do pensamento moderno era extremamente explicada, cada filósofo se abria ao outro sem se deixar escapar enquanto único.

Meditações e a Crítica da Razão pura. Definitivamente o serviço militar obrigatório da Filosofia é magnífico. Mas há um além nisso tudo. Havia para mim, assim como para outras meninas e mulheres daquela disciplina, a certeza que existia um espelho a se olhar. O engraçado é que nunca mais fui aluna de Maria Clara; todavia, sempre acompanhei sua carreira, assisti suas palestras, li seus artigos. Ela foi a inspiração que fez muitas de nós permanecer no curso naqueles anos. Uma mulher que nos dizia sobre sermos filósofas na competência de sua atuação. Éramos, portanto, (e ainda o somos) representadas por alguém imponente, por uma mulher forte e determinada, como era possível assistir nas reuniões de Departamento. Regozijo-me, então, mesmo que por uma única vez, de ter o privilégio de ser sua aluna. Destarte, quis o destino que eu pudesse prestigiá-la, pois estava presente na ocasião de sua Defesa de Titularidade; bem como, fui privilegiada ao vê-la sendo aclamada a subir ao palco em Aracaju, por ocasião do Evento ANPOF de 2016, como uma das representantes das mulheres filósofas desse país. Nesta mesma noite e neste mesmo anfiteatro, o privilégio maior foi de ter as mãos de Maria Clara estendidas a mim, para que eu — junto com as demais mulheres daquele teatro — subisse ao palco e, junto com as filósofas, fizesse-me representar.

Hoje, junto com a inspiração dos primeiros anos de graduação, tenho a honra de ter uma amiga, um alento que me acompanha por três décadas. Maria Clara sempre será esse espelho para onde olhar!!!



Aos Mestres com carinho

A realidade é que tive vários mestres nessa jornada da graduação, com alguns se estendendo ao longo de toda minha trajetória acadêmica e pessoal. E para esses especiais cabe esse singelo agradecimento e carinho na minha formação acadêmica.

Impossível não lembrar o afeto e respeito que o Prof. Wilson Mendonça sempre a mim demonstrou. Fui sua aluna em Filosofia Política e desde aquele momento se mostrou respeitoso para com meu trabalho e meu modo diferente do dele de pensar a filosofia. Para além, em novembro de 1997, perco minha tão querida madrinha. Ao me ver chorosa, ofereceu-me um chá e palavras de conforto. Isso é significativo diante da dor e do respeito que um professor tem por aquele que mal conhece ainda. Ademais, em todas as minhas apresentações fora do Estado do Rio de Janeiro, caso o prof. Wilson estivesse no evento, sempre prestigiara minhas falas. Não obstante, tive a honra de tê-lo como membro arguidor de minha Tese de Doutorado. O filósofo analítico, que hoje me chama de colega, leu Albert Camus e Hannah Arendt, passeou por Derrida e me arguiu de modo forte e generoso.

Profª. Maria da Graça Schalcher, que não está mais entre nós, com seu jeito de rainha Elisabeth e, mesmo situada em convicções das quais nem sempre comunguei, afirmava que alunos de filosofia não conseguiam dar o melhor de si estudando e trabalhando, mas eu seria uma exceção. A filósofa de Platão e Merleau-Ponty, sempre acalantou e respeitou a menina que ela acreditava estudar Foucault.

Prof. Luiz Alberto Cerqueira, uma espécie de tio que ganhei da vida. Até hoje me honra com sua sabedoria e carinho. Se minha filosofia brasileira é desvirtuada da que por ele me foi ensinada, jamais poderia negar que foi com Cerqueira que dei os primeiros passos e comecei a pensá-la.

Prof. Roberto Horácio Sá Pereira, com quem fiz várias matérias sobre autores mais analíticos. No seu modo implicante de ser, sempre retirou o melhor de meu pensamento, forçando-me a ser exemplar na confecção de seus trabalhos de final de curso. Com ele fiz dois cursos sobre Rawls e Habermas.

Prof. Guido de Almeida, um kantiano cujos olhos brilhavam ao ministrar suas aulas sobre as Críticas. Jamais esqueço aquele senhor mais idoso, em um calor de 45 graus, nas tardes de sexta, com a camisa branca suada e os olhos vívidos e apaixonados para falar da *Crítica do Juízo*. Em uma das últimas matérias que fiz para me formar,



recordo-me do Prof. Guido me convidar para ser sua orientanda, mas ao informar meu objeto de estudo, ele disse que eu não tinha ‘juízo’ ainda. Mantenho-me desajuizada, mas honrada com o convite daquela época.

Prof. Fernando Rodrigues, cujos cursos de Platão, Aristóteles e Wittgenstein foram cruciais na minha formação.

Por fim, docentes do então Departamento de História, Prof. Francisco Carlos Teixeira e Neyde Theml. Com Francisco Carlos fiz dois cursos de verão sobre totalitarismos durante minha graduação. Assisti suas palestras sobre Ditadura. A sequência de minha pesquisa mostra o quão importante na minha formação ele o fora. Para meu último carinho, Profa. Neyde Theml, a Historiadora da Grécia antiga foi, com certeza a primeira professora a me falar das mulheres filósofas. A disciplina obrigatória de História 1 abriu a primeira janela para pensar na minha condição feminina e como trazer isso para Filosofia.

Em Setembro de 1999, com três anos completos de Graduação, colo grau na sala da Direção. Era a única estudante da Filosofia naquele momento. Profa. Graça Schalcher, substituindo a Diretora do IFCS, entrega-me o canudo simbólico, creio que havia alguma passagem de Platão. E apenas na presença de meus pais, me formo Bacharel mais uma vez. A diferença é que eu tinha encontrado minha verdadeira paixão, a Filosofia.

A Filosofia terminou meu primeiro casamento, me fez pedir demissão da escola em que lecionava há mais de dez anos, pois a mulher que entrou em 1996 naquele prédio centenário, achando tudo um caos e extremamente desconfiada, definitivamente, não existia mais. O IFCS formou uma outra pessoa, cuja vontade de viver se resumia em fazer boa filosofia. Meu propósito, agora, era unicamente o Mestrado.

Os Cúmplices da Escada

Ao contrário do que muitos gostariam de pensar, a Academia não é feita somente de aulas inspiradoras. Aqui retomo aquela *escada* do IFCS. Haverá uma mistura temporal, pois meus cúmplices se entremeiam naqueles onze anos ifcsianos. Da Graduação ao Doutorado, foi naquela escada que muitas ideias surgiram, muitas reuniões políticas, muita risada, choro, abraços e beijos foram comungados. Naquela escada fiz amigos para vida toda. Companheiros de vida e de filosofia.

Falemos dos cúmplices então...



O cúmplice é um companheiro; é alguém que está a seu lado em algumas ações bem específicas, colaborando nestas ações. No meu caso, meus cúmplices estão repletos de afetos, no melhor sentido ao que o termo implica. Um amor praticado na amizade e nas filosofias. E, ainda usando termo grego, na boa e exemplar *philia*. Como me foi ensinado, em uma alegoria dos momentos da escada, meus amigos são cúmplices de vida, pois só tenho amigos bons e, mesmo repletos de defeitos, são a excelência da amizade.

Retomo então o maior dos cúmplices da escada, Rafael Haddock-Lobo. Segundo o próprio, sou a única amiga que restou de seu tempo de IFCS na graduação. Meu veterano se tornou um irmão. Somos, efetivamente, família. Os laços, que transcenderam a escada, começam na apresentação de Aspásia, a menina com nome grego e de 15 anos. As conversas se desdobraram em vínculos filosóficos que, desde o *Krisis*, evento realizado por Rafael na PUC-Rio, abriram as possibilidades de estudos sobre Derrida, a formação do GT Alteridade e Desconstrução³. A criação do *Khora*, primeiro laboratório de Rafael, do qual fiz parte desde a construção. Com Rafael me inspirei fundar o *LEA*, hoje chamado de Laboratório do Encontros da Alteridade. O *Khora* se extingue, e hoje temos uma parceria entre duas Universidades, UFRJ e UFU, com o *LEA* e o *Encruzilhadas Filosóficas*. A amizade trouxe Levinas, Derrida e Preciado. Concomitante à filosofia, nossa amizade fez meus filhos ganharem um tio e uma prima. A amizade trouxe a *gira macumbística* da filosofia, dois pós-doutorados, um grupo de trabalho afetuoso, a construção de novos amigos que são meus parceiros porque são meus amigos e, se são meus amigos e amigos do Rafael, logo são excelentes, como sempre brincamos de modo sério sobre aqueles que, como nós, amam o que fazem e o fazem com maestria. Afinal, nunca tivemos amigos que não fossem incríveis.

Ora, este texto é um memorial, e assim deve ser tratado. Rafael esteve em minha Banca de Doutorado, era meu veterano e defendeu seis meses antes mim sua Tese. Estamos presentes em diferentes bancas e eventos, escrevemos livros juntos, somos parceiros. O afeto e a intelectualidade nos concederam, talvez, a maior de todas as cumplicidades.

³ O GT nasce em 2010, seu nome inicial é Desconstrução, Alteridade e Liguagem.



Aspásia Barcelos, a menina que hoje é psicóloga, foi a companheira inseparável da graduação. Eu era a irmã mais velha e a levava para sair, com consentimento de sua mãe. Entre teatros, museus, algumas poucas noitadas e muito estudo, compartilhamos ideias e orientação; tristezas, alegrias e descobertas. Aspásia está até hoje em lugar especial no meu coração.

Michael Pontes de Abreu e Delmo Mattos, meus amigos de turma. Entramos juntos e descobrimos juntos a Filosofia. Naquela escada discutíamos os temas ao fim de cada aula. Montamos uma chapa para o CAFIL em 1997. Estivemos à frente da representação discente até a minha colação de Grau. Mas este CAFIL transcendeu minha turma originária. Meus calouros. E fui veterana de alguém! Marco Aurélio de Oliveira Silva (hoje professor na UFBA), um menino de 17 anos com quem guardo laços afetivos até hoje. Impossível não nos encontrarmos e acabar nos comportando como crianças. Entre os estudos de Kant e Aristóteles, havia política, o CAFIL, a escada e os cafés. Da mesma turma que Marco Aurélio, estava Luciano Silva que, após o Mestrado na PUC-Rio, se dedicou à literatura. Alessandro Bandeira, o lógico, amigo dos churrascos e de discussões sobre lógica matemática, com a qual sempre tive dificuldades. Agnes Alegria (hoje professora da rede Estadual do RJ), a menina que abandona Ciências Sociais por conta de Espinosa e se entrega à Filosofia. Ao fim, já no derradeiro desta escada, a querida amiga, com quem tive o privilégio de dividir apartamento, Camila Jourdan (hoje Professora da UERJ). Uma companheira das leituras camusianas que me ensinava Wittgenstein.

Estes eram meus cúmplices na graduação. Obviamente, outras pessoas circulavam por ali. Mas com exceção de Rafael Haddock-Lobo, que não se envolvia com o CAFIL, foi com esse grupo de amigos, que carrego até hoje, que formamos uma unidade estudantil ao longo de minha graduação e que teve desdobramentos importantes na nossa pós-graduação. Nossa participação era ativa. Para além das questões políticas, que todo Centro Acadêmico mantém — chegamos a ocupar a Reitoria da UFRJ —, nos preocupávamos com nossa formação. Construimos então um CAFIL que era admirado na sua diferenciação. Criamos o *Ágora Filosófica*, ganhamos uma sala enorme, na qual tínhamos aulas de grego e grupos de estudos variados, sobre autores não muito estudados naquele período, como Leibniz, por exemplo. Montávamos ciclos de palestras, nos quais recebíamos professores de outras universidades cariocas e fluminense, como o brilhante Gerd Bornheim. Foi com este grupo de amigos que construí um *Café Filosófico* em 1998, que se perpetuou, saindo inclusive da esfera do IFCS para um Centro Cultural,



até 2005. Esse grupo de amigos e cúmplices da escada, onde muitas decisões eram tomadas, não apenas eram competentes nas suas ações estudantis; antes se encontravam como os ditos estudantes de excelência. Não é em vão que a maioria maciça de nós está em Universidades Públicas de ponta, em programas renomados. Meus cúmplices eram e são excelentes na boa excelência que os formou como amigos afetuosos das pessoas e da filosofia.

Mas a cumplicidade da escada não se encerra na graduação. Rafael vai para a PUC, assim como posteriormente vão Luciano e Michael. Os demais, como eu, ficamos no IFCS, assim como ficou a escada. Justamente na conformidade de um Mestrado e um Doutorado que dois nomes são fundamentais nestes degraus e na esteira de minha formação. São eles Gabriel Mograbi (hoje professor da UFRJ) e Leonardo Cisneiros (Infelizmente falecido na pandemia e que era professor da UFRPE).

Gabriel Mograbi, a quem passo a conhecer de verdade no Mestrado, é alguém diferenciado. Juntos discutíamos diferentes temas. Seu modo impositivo esconde um grande amigo, justo e afetuoso. Meio atrapalhado no jeito de ser, sempre foi um protetor. O tio Mograbi, como carinhosamente o chamam meus filhos, passou comigo por poucas e boas, as quais narrarei mais à frente. Por entre cigarros e café, discutíamos, acaloradamente, o que era filosofia, quais nossas vocações. Juntos ampliamos o Café Filosófico, saindo do pátio do IFCS e, por quase dois anos, o realizamos no Espaço Cultural da Constituição. Fizemos concursos juntos, dividimos histórias. Mograbi leu a prévia de meu livro *Lilith* enquanto hospedado em minha casa em Uberlândia, deu dicas valiosas. Um companheirismo que já vão quase 25 anos.

Leonardo Cisneiros chega para o Doutorado, o sotaque pernambucano e as aulas do Machado, mesmo ele sendo um kantiano, orientando de Guido de Almeida. Entre os encontros do L.A.P.A., o Laboratório de Lógica do prof. Marco Ruffino, que foi nosso cúmplice por um bom período naquela escada, e as serenatas de violino, foram muitos diálogos, muita filosofia e uma história que não deve ser esquecida.

A cumplicidade, assim, nos fez unidos de um modo que as décadas e a distância não minimizaram. O afeto, a boa memória, parte deste memorial, deve ser ecoada na importância de uma formação. A Academia se fez nas salas, na cantina e nas amizades da escada.



Nasce uma pesquisadora: A Pós-Graduação

Falar da pós-graduação implica dizer do *antes*. Daqueles momentos que antecedem o Mestrado. Afinal, a pós-graduação se estende do fazer monográfico. Há o orientador, o material, os projetos e o preparo.

Como já aludido, em 1998, me ofereço como orientanda de Guilherme Castelo Branco, a quem muito devo no ato de estar hoje aqui escrevendo este memorial. As disciplinas eram sobre Foucault, um dos principais atores que configuram a pesquisadora que sou. Neste mesmo ano, Guilherme convence a mim e Aspásia de irmos à ANPOF, de modo a conhecermos a pesquisa no Brasil. E fomos. Era tão pequena comparada a hoje. Todos os anpofianos cabiam em um único Hotel em Caxambu, onde se realizavam as mesas e conferências. Mas já existia a festa; e o DJ era nada menos que Maguila, Fernando Santoro. Maria Clara Dias foi com sua filha ainda de colo, lembro-me de segurá-la nos braços.

Mas vamos à minha monografia. Ora, como disse anteriormente, lá pelo meu segundo período de Graduação, a Estética me marcava muito. Onde eu querer pesquisar a arte, mas de um modo peculiar. Guilherme, o homem do Foucault, abre as páginas de um livro bem usado, todo em francês, *Proust e os signos*, de Gilles Deleuze. Na ocasião, 1998, as traduções da obra estavam esgotadas. Era impossível comprar. Esta obra só fora republicada nos anos 2000. Descubro a editora, *Forense*, vou até eles e imploro um exemplar. Comprei o único exemplar existente na editora. Debruço-me, por um ano, sobre a *Recherche* de Proust, devoro o que posso de Deleuze e escrevo minha monografia, *Os Signos e o Aprendizado: Uma leitura de Proust e os Signos de Gilles Deleuze*.

A banca avaliadora consistiu dos professores Roberto Machado, Fernando Santoro e Guilherme Castelo Branco. Todos me deram nota máxima e tive meu trabalho monográfico com louvor. Deleuze fora uma descoberta fantástica e almejava continuar com ele. A ideia de estudar o *Feio* como uma possibilidade estética que se abria para política era o mote da pesquisa que pretendia desenvolver. Guilherme, então, me indica a obra de Deleuze sobre Francis Bacon. Trabalharia com o livro deleuziano, mas o texto estava, obviamente, esgotado. Meu trabalho consistiria em me debruçar sobre a arte como objeto político, no par ético-estético, tendo as pinturas de Bacon como um viés possível. Projeto pronto, obras xerocadas. Mas, sempre há um *mas*.



No ano de 1999 não havia quase eventos para graduandos. Eu estava para colar grau e tive um trabalho, dentro da minha pesquisa monográfica, aprovado em um evento na USP. Lembro-me bem do mês, penúltima semana de agosto. Eu trabalhava na escola nessa época, estava a menos de um mês do fim de meu casamento. Acredito que esse evento tenha sido o ponto final. Donde eu ter de partir na sexta pela manhã e retornar na própria sexta à noite. Um bate volta, apenas para apresentar meu trabalho. Fui de avião e voltei de ônibus. Mas o que interessa é o *mas...*

Pude acompanhar toda a programação do dia, inclusive a noturna, graças ao fato de retornar ao Rio de Janeiro no ônibus da madrugada. Fiz minha apresentação, recebi minhas perguntas, mas além de mim, havia uma dupla de graduandos em minha mesa. Uma jovem da filosofia e um rapaz da história, ambos da PUC-BH. Não recorro o nome de nenhum deles. O que importa é o tema. O rapaz apresenta a história Argelina e um Biografia de Albert Camus, sai assim que acaba sua fala e deixa a menina sozinha. Ela apresenta um *popurri* de Camus, muito focada em *A Peste*. O *mas* que mudou toda minha trajetória de pesquisa.

Os uspianos me esqueceram, eu era cria do IFCS e estava preparada para responder perguntas sérias e me desenrolar das bobas. Já a jovem, esta foi quase devorada por eles. Mas a menina tinha firmeza e também sabia (nós éramos graduandas, nosso saber era limitado) o que havia estudado.

Ao acabar a sabatina fui na direção daquela menina. Ficamos horas conversando, e ela me falando empolgada de Albert Camus. Queria muito encontrá-la novamente, pois nunca mais a vi. Retorno ao Rio, descanso um pouco e a única coisa que sei é que quero ir à Livraria da Travessa de Ipanema comprar *A Peste*, de Camus. Assim o faço. Devoro o livro em 24 horas. Na segunda-feira já havia uma reunião agendada com meu Orientador, Guilherme Castelo Branco. Nessa época, ele não mais habitava o cubículo sem janela, mas uma sala digna num canto com escadas estranhas no terceiro andar. Olho atentamente para Guilherme e informo: “Quero mudar meu projeto. Quero estudar Albert Camus”. No acolhimento peculiar de Guilherme, a resposta foi um sonoro “está bem!”, mas ele colocou condições. Eu deveria ler um número significativo de obras de Camus, dentre elas, algumas esgotadas, e isso no prazo de um mês. Se assim eu o fizesse, nós montaríamos um projeto. E assim foi feito. E as bênçãos e os sortilégios dessa escolha foram colhidos no Mestrado. Todavia, o mais importante é o fato de Albert Camus me acompanhar até os dias de hoje e eu possuir mais cinco orientandos de pós que o estudam no PPGFIL da UFU.



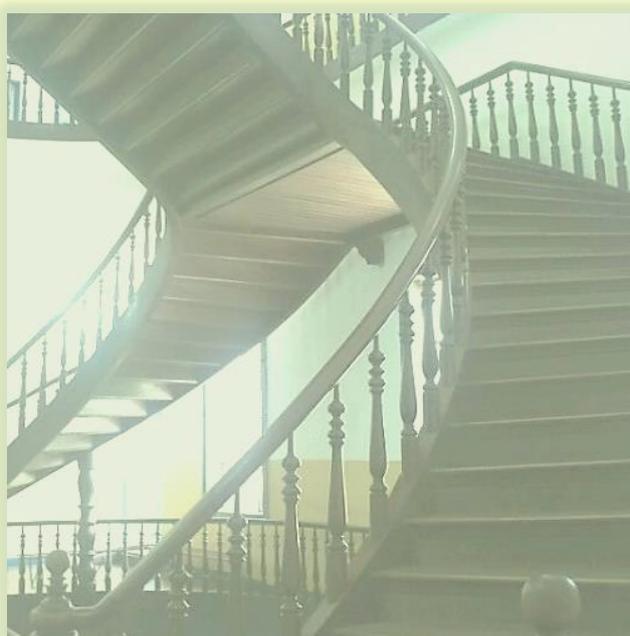
Neste momento, mais que um fato administrativo, eu tinha a certeza de ter um orientador. Orientador que acreditou na moça mais velha que não fazia muito sentido de estar naquele lugar; e ele me acompanhou até 2007, na minha defesa de Doutorado.

Ingresso no ano de 2000 na Pós-Graduação do PPGF-UFRJ. Ninguém estudava Camus na filosofia. Havia uma dissertação sobre Albert Camus e Platão, defendida 17 anos antes pela professora Graça Augusto, que gentilmente, ao saber do projeto aprovado, ofereceu um curso sobre Camus na pós naquele ano. O único curso que fiz sobre meu pensador de cabeceira.

A minha escolha causou certo frisson. Afinal, eu não era nada canônica. E Albert Camus, para maioria, não poderia ser filósofo. Mas eles nem conheciam a obra, tampouco seu autor. Albert Camus é Doutor em Filosofia, sua tese é sobre Plotino e Agostinho; tendo começado sua pesquisa com Descartes. Minhas escolhas; logo, nada de bolsa de pesquisa. O que me foi dito textualmente por ocasião da divisão das bolsas. Essa pecha de não estudar um filósofo digno, infelizmente, me acompanhou por certo tempo. Mas eu resisti e estou aqui para contar essa memória.

Bom, fiz meu mestrado sem bolsa e sem trabalho. Mas no ano de 2001, passei no processo seletivo para professora substituta na UERJ, onde atuei, nesse primeiro momento, por um ano. O salário não era nada digno, eram tempos bem difíceis para quem se jogava na Universidade como docente e pesquisador.

Aqui cabe um parêntesis sobre o que é ser orientado para se tornar um acadêmico com perspectivas de um futuro vindouro.



A mão estendida: orientação para o futuro e um olhar acolhedor para o agora



Esse pequeno panfleto remete ao Evento de 100 dias ocorrido no ano de 2001 no CCBB, Rio de Janeiro. A partir deste pedaço de papel tentarei desenvolver a visão daquela que teve as mãos de alguém estendidas, e isso em diferentes âmbitos. A orientação foi a daquele irmão mais velho que lhe ensina onde pisar, como pisar. Aquele que lhe apresenta a família e lhe ensina, no melhor sentido da palavra ensinar, os caminhos possíveis para se tornar uma pesquisadora e estar em uma Universidade no futuro. Assim eu fui guiada.

Antes, porém, de me debruçar sobre o ano de 2001, algumas lembranças são fundamentais. Como disse, fomos eu, Aspásia e Michael pedir orientação ao prof. Guilherme Castelo Branco diante de nosso encantamento com sua aula. Do mesmo modo, disse que ele nos acolheu e, em especial, acolheu as minhas 'maluquices', que foram algumas, como trocar de projeto, faltando menos de 45 dias para um processo seletivo de Mestrado.

Ser orientanda de Guilherme foi mais que a leitura dos trabalhos. Foi poder ser orientada na sua residência, conhecer sua esposa e filhos, tomar um chopp e discutir um capítulo de tese no *Azeitona Verde*, foi aprender a necessidade e θ como preencher o Currículo Lattes. Ser orientanda do Guilherme foi levar aquela bronca porque o texto estava muito macio ou muito potente. Ou seja, foi ensinar a delimitar os extremos. Mas há questões que transcendem. Uma delas é a confiança no que você pode vir a ser. É um olhar muito peculiar para as dificuldades extra-acadêmicas que um orientando possui. É ensinar o que é arte, como montar um evento. É apresentar as pessoas certas. É proteger, se achar que há alguém perigoso no caminho. É não abandonar quando todos os outros foram abandonados por seus orientadores.



Guilherme Castelo Branco merece um espaço especial, pois muito do olhar extra-acadêmico que hoje tenho por meus orientandos aprendi sendo orientada. Então vamos de historinhas. Memórias bem agradáveis de quem pôde conhecer uma filosofia que se faz também com alegria e respeito.

Setembro de 1999, havia um evento sobre Nietzsche, organizado por Guilherme Castelo Branco, no CCBB. Na noite anterior ao evento, eu havia me separado. Recordo-me muito bem. O Rio de Janeiro estava quente, eu sentada na escada dentro do CCBB, olhos inchados, chorosa, desabafando com Delmo Mattos. Guilherme chega e me vê, observa e pergunta o que aconteceu; explico, meio tímida, pois não havia intimidade para falar de minha vida pessoal e subo para a palestra da Fayga Ostrower, a quem sou apresentada ao final desse evento. Foi uma semana, ou três dias, não recordo bem agora. Mas a lembrança que fica é a da ausência de uma professora que já havia inclusive recebido para vir falar. Acaba o evento, uma sexta-feira e Guilherme me apresentando a alguns convidados, informa, no seu jeito peculiar de ser: “Essa é uma pessoa séria, ela sabe que deveria estar aqui a despeito da adversidade que passou, tem futuro, vocês ainda irão ouvir falar dela”.

2001, eu desempregada, ganhando uma miséria na UERJ, precisava de mais um trabalho. Não era bolsista. Há um processo seletivo para substituto, Guilherme está na banca. Rezava a lenda que nunca nenhum orientando dele passava em concurso, caso ele estivesse na Banca. E assim o foi. Não fui reprovada, mas era uma única vaga e eu fiquei com o segundo lugar. O primeiro ficou com Gabriel Mograbi. Mas, sempre há um *mas*.

Nesta mesma semana Guilherme me oferece um trabalho de seis meses como sua assistente. Ele era um dos curadores da Exposição ou um megaevento do Surrealismo que aconteceria no CCBB naquele ano. Nas palavras de meu orientador, aquele trabalho me abriria outras portas e me daria a possibilidade de um conhecimento que eu não teria em outra oportunidade. Realmente o salário era maior que o de professora substituta e eu tive oportunidades de conhecimentos inimagináveis para aquela época de minha vida.

Aprendi o que era uma curadoria. Fiz até uma exposição no IFCS com um pintor chamado *Maranhão* em 2002. Conheci nomes, pois era eu quem os recebia, como Wally Salomão, Sergio Pachá, Ferreira Gullart, Sérgio Mambert, a própria Fayga que, infelizmente falece um mês antes do evento. Há de se lembrar que estamos falando dos anos 2001, não havia a profusão de informação e de textos. Logo, eu podia circular na Biblioteca de Guilherme Merquior e acessar um material que ninguém jamais vira. Pude conhecer as músicas e o pensamento surrealista, bem como o teatro. Ler uma peça



surrealista de Picasso. Fui a todos os coquetéis, conheci pessoas de todo o mundo; ainda houve a cereja do bolo: ver a exposição inteira antes da inauguração.

A contratação, infelizmente, durou apenas seis meses. Todavia, o aprendizado, como a mão estendida, foi gigantesco. Não apenas aprendi o que é um evento acadêmico, artístico, como também aprendi a receber convidados estrangeiros e nacionais. Esse aprendizado carregou até hoje, colocado em prática a cada grande ou pequeno evento. E assim os anos se passaram, outros eventos no CCBB foram realizados, e neles conheci ‘até’ o *quê e quem* eu estudaria junto com Albert Camus no meu Doutorado.

Não obstante, no Doutorado, podendo perder minha matrícula e ser jubilada, Guilherme não soltou minha mão. Mas esse assunto é ponto mais à frente.

Concluo meu Mestrado em Janeiro de 2002. Na banca estava o professor que me encantou com as aulas de Estética. Recordo-me das palavras de Charles Feitosa. Foi algo mais ou menos assim: “Eu comecei Filosofia na UERJ, meu primeiro professor foi o Guilherme Castelo Branco. Ele abre a aula com seguinte sentença no quadro, ‘Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia’. Eu cheguei a pensar em estudar Camus, mas não fui corajoso como você, acabei indo para Hegel e Heidegger”. Eu não conhecia essa história do Guilherme, mas ela fazia muito sentido no dia de minha defesa.

Essas memórias não são em vão. Cada evento, cada mão estendida no silêncio e na discrição, compuseram a pesquisadora, orientadora, professora que sou hoje. A arte se torna *apport* para vários de meus trabalhos, especialmente minhas aulas, haja vista eu me debruçar por temas tão doloridos como totalitarismos, terrorismo e genocídios. É a arte que salva nos meus escritos, pois ela nos joga para uma possibilidade tanto de entendimento do mundo quanto de acalanto. Os contatos, os conhecimentos, fizeram parte da minha formação. Homens e mulheres que nem mais estão entre nós, mas que me abriram lugares outros onde minha filosofia navega.

Mas eu fiz um Doutorado também...



Descortina-se a pesquisadora: A Tese e os anos de produção

Quando começamos nossas pesquisas, seja na graduação ou no mestrado, temos a tendência de nos crermos os pesquisadores e pesquisadoras. Todavia, não é bem assim como as coisas funcionam. Estamos a dar os primeiros passos em um processo que não cessa jamais. Tal qual a criança, absorvemos tudo na graduação, mas no modo engatinhante de um bebê. O Mestrado é onde aprendemos a andar, mas a corrida, os saltos ornamentais, se é que haverá saltos ornamentais, só chegarão posteriormente. É neste ponto que o Doutorado aparece. Nele damos pulos maiores, desenvolvemos possibilidades mais críticas. Os problemas filosóficos se tornam a flecha que nos lançam ao mundo dos pesquisadores. Por isso o Doutorado é tão especial, aguardado. Mas de fato, ele não é ponto de chegada, é tão somente a linha mais importante da partida.

No ano de 2003, um telefonema, é Guilherme, dando-me a notícia que passei em terceiro lugar no Doutorado da UFRJ. Todavia, faço dois processos, um para a Filosofia no IFCS e outro para Ciências Políticas na PUC-SP. Dois projetos diferentes. Mais uma vez é Guilherme quem dá o tom. Para variar, o IFCS estava em crise: poucas bolsas, dilemas internos, possibilidades estranhas de entrar no Doutorado, tanto para mim quanto para vários outros. Guilherme, que já me havia apresentado a Edson Passetti, e conhecedor das minhas vocações filosóficas, sugere que eu faça um projeto da PUC-SP.

Eu já possuía um tema. Afinal, em um dos eventos de Guilherme no CCBB, tive a oportunidade de conhecer André Duarte que, naquele momento, era tido como o maior especialista em Hannah Arendt no Brasil. Qual não foi meu espanto, ao encontrar muitas similaridades entre Hannah Arendt e Albert Camus durante sua apresentação numa determinada tarde. Questionando André, ele me explica que existe um autor — com o qual passei a me corresponder — cuja cátedra é a de Hannah Arendt na Universidade de Indiana, Jeffrey Isaac. Sua principal obra era, justamente, uma comparação entre Camus e Arendt. A ideia foi fantástica e eu me debrucei sobre a filósofa, cujo trabalho a mim era desconhecido, pois só sabíamos da existência de Hannah Arendt. Ninguém lecionava sobre a obra que ela escrevera. André Duarte era uma raridade. Mas hoje a coisa já está bem diferente.

Apesar do meu interesse, e estando bem focada entre os dois filósofos supracitados, ainda havia a arte como mote político, que creio consigo desenvolver em minha tese. Mas esse não era o ponto. Diante das dúvidas que pairavam no IFCS,



construo um projeto, nunca executado, *Revolta Estética: Ecos da Razão e da Recusa: Uma Perspectiva Ética e Política*.

Esse projeto, o qual um dia ainda hei de executar, pressupunha que uma das funções da obra de arte estaria diretamente relacionada a um agir voltado à ação política e à ética; donde inferir acerca das atitudes estéticas, para além da arte formal ou meramente representativa, nos obrigaria a uma análise mais enfática do espaço crítico no qual alguns movimentos estéticos estariam inseridos. E do qual a arte experimental, a arte realista, o surrealismo — dentre outros movimentos e artistas isolados — seriam partícipes. As diferentes modalidades estéticas que surgiram nos últimos cem anos estariam relacionadas a uma ação entendida como revoltada e a uma comunicação dita negativa, visto a recusa ao *modus vivendis* do homem na sociedade, em especial na sociedade ocidental vigente. Não havendo, desse modo, uma renúncia do mundo; mas, isto sim, uma crítica legítima da ação e interação do sujeito dentro do contexto social. Eu almejava uma abordagem teórica, filosófica, linguística e política deste aspecto da obra de arte, principalmente através de um diálogo com pensadores como, Adorno, Marcuse, Camus., Bataille e Foucault”.

Obviamente era um projeto filosófico almejando abraçar uma cientista política. Hoje eu acharia mais difícil sua execução em nível de Doutorado. O que importa, todavia, é que alguém o achou exequível. Fui aprovada, com orientação de Edson Passetti, e ganharia bolsa Fapesp após seis meses de pagamento do curso. Eu acabara de ser contratada em uma faculdade privada e não possuía qualquer condição de mudança para São Paulo e pagamento de mensalidades tão altas, mesmo que por pouco tempo.

Os entraves para poder cursar o doutorado em São Paulo me deram uma única opção, o Rio de Janeiro. Fiz meu processo para a UFRJ, pois já era da casa e tinha orientação garantida. Bastava passar. O projeto é aprovado. No IFCS não se sorteia ponto de prova, há um leque bem razoável de autores, com seus respectivos textos, e podemos escolher um. Havia, dentre os autores, Foucault, Deluze e Sartre, mas eu escolhi Kant, a *Fundamentação da metafísica dos Costumes*. Fui aprovada em terceiro lugar, com uma diferença de três décimos para o primeiro colocado e na frente de todos os kantianos. Hoje eu chamo essa minha ação de imaturidade.

O importante é que fui aprovada e desenvolvi minha tese a partir do projeto que propunha apresentar o solo comum de onde Albert Camus e Hannah Arendt desenvolvem seus pensamentos. Ou seja, o mote comum a ambos, a saber: a problematização de questões políticas correntes ao longo do século XX, visto este século



ter sido capaz de erigir regimes pautados no terror e no genocídio. Mas, o trabalho foi além.

Em setembro de 2007, defendo minha tese com título *Ecos de razão e recusa: uma filosofia da revolta de homens em tempos sombrios*.

A ideia de minha tese consiste em apontar para o sentido da política e sua intrínseca relação com a condição humana, assinalando o fato de que, diante da minimização premente da *conditio humanæ*, os conceitos filosóficos tradicionais não se sustentam para esclarecer o que seja o mundo e tampouco o homem que nele se encontra. Meu trabalho se desenvolveu a partir da análise do pensamento de Hannah Arendt e de Albert Camus, fazendo destes pensadores suporte para mostrar que alguns eventos operam determinada ruptura em relação aos eventos históricos que os constituíram, mantendo a tensão dos diferentes paradigmas filosóficos. A tese foi construída em duas partes distintas, a saber: uma primeira, na qual se busca esclarecer alguns dos conceitos mais importantes de Arendt e Camus, bem como apresentar algumas considerações engendradas de seu solo comum; e uma segunda parte, a qual visa ampliar o olhar acerca das análises engendradas por parte de Camus e Arendt, abandonando a especificidade desses pensadores e trazendo o problema por eles analisado para sua universalidade. A tese, portanto, estrutura-se no intuito de pontuar o fato de que, conquanto o problema filosófico apresentado por Hannah Arendt e por Albert Camus possua, por um lado, sua circunstancialidade histórica, por outro, ele não se circunscreve a este recorte temporal. Os elos que unem o pensamento camusiano ao arendtiano ultrapassam, assim, as fronteiras de suas respectivas filosofias, e se estendem ao cenário do debate mais contemporâneo. Neste espírito, a tese não possui uma conclusão formal, mas, isto sim, abre-se para certas considerações, destacando dois caminhos possíveis. Realizei, portanto, um diálogo com outros pensadores, no intuito de assinalar uma continuidade, a qual vislumbra o caráter universal do problema. Do mesmo modo, apontei para a revolta estética, pressupondo que a expressão artística apareça como uma estrutura capaz de desempenhar uma determinada função criadora, possibilitando, assim, em sua ação, um vínculo intrínseco ao *êthos*. Meu intuito foi o de mostrar que uma questão filosófica escapa de sua condicionalidade histórica, não se encerrando ou esgotando em uma única análise. À vista disso, o problema da minimização da *conditio humanæ* na contemporaneidade não se fecha na análise do nazismo e do stalinismo, mas antes, se mantém como marca característica desses nossos tempos sombrios.



Quem observa esse resumo do Doutorado tende a pensar que ele se bastou na escrita de uma tese. Ao olhar para a pesquisadora e docente que sou hoje, em uma Universidade Federal, tal qual a que eu estudei, não posso ignorar fatos fundamentais que tornaram possível esta que escreve um memorial almejando a promoção para professora titular.

Os quatro anos e meio de Doutorado foram intensos. Nesse período conheci meu terceiro companheiro, Leonardo Almada, com quem tive dois filhos, e já estamos separados faz dez anos. Meu primeiro filho, João Guilherme, nasce seis meses antes de minha defesa. Minha defesa ocorre comigo ainda amamentando. O último ano de tese é escrito comigo grávida. Na ANPOF de 2006, um certo professor de uma universidade do sul, ao me olhar com a barriga que não poderia ser ignorada, afirma: “que pena que você está grávida, sua carreira acabou, você era tão inteligente!”.

Mas, a despeito da fala do, hoje, colega de profissão, foi justamente nesse período que eu começo uma real carreira acadêmica com participação em diferentes eventos, alguns internacionais e minhas primeiras publicações.

Ser pós-graduanda no início do século XXI, ser mulher e gerar um filho era visto com muita suspeita ainda. A complexidade aumentava no fato de eu estudar no IFCS, o que entre os anos de 2003 e 2007 era complexo. O Programa se dividiu em dois, PPGF e PPGLM; havia muitas questões internas que afetavam diretamente a nós alunos. Todavia, já havia mais bolsas e eu fui contemplada com uma delas. Ora, o IFCS era um lugar *sui generis* naquele período. E, infelizmente, tanto eu quanto alguns outros colegas passamos, talvez, por um dos piores momentos de nossa jornada acadêmica. Esta história não pode ser perdida e, por esta razão mesma, faço questão de contá-la aqui. O nome dos professores do processo será omitido.

Éramos seis: os quase jubilados

O ano é 2004, a profa. Maria da Graça Schalcher era a, então, coordenadora da pós-graduação. Nunca soube ao certo como a questão se deu, mas a profa. Graça descobriu um convênio que nunca havia passado em colegiado, cujos estudantes de uma faculdade privada, eram orientados por um grupo pequeno de professores de nosso programa, os quais recebiam um excelente prolabore e, sem realizar o mesmo processo seletivo que nós, receberiam o mesmo diploma de Filosofia do IFCS-UFRJ. Obviamente



isso chegou aos ouvidos de nossa representante discente e a polêmica começou em um grupo de e-mail dos estudantes do Doutorado. Alguns, dentre os quais eu me incluo, eram mais acalorados que outros. O fato é que nossa discussão privada foi parar nas mãos desse pequeno grupo de docentes que realizara o convênio. Os meses passaram e as discussões diminuíram, mas os docentes não esqueceram a polêmica no grupo de estudantes.

Em uma certa tarde, descobrimos que estávamos sendo processados pelos professores junto à reitoria, pediam a nossa sumária expulsão do curso. Éramos seis: Alice Haddad (hoje professora da UFF), eu mesma, Gabriel Mograbi, Leonardo Cisneiros, Flávio Balod (hoje professor do Pedro II) e Jorge Moraes (com quem perdi o contato após nossas defesas). Outros colegas foram afetados, mas não processados, alguns perderam orientações e meu companheiro foi prejudicado no seu processo de doutorado. Mas o fato é que éramos seis.

Esta história possui final feliz, mas sem antes termos sido alvos de dor, mágoas, frustrações. Afinal, como eu, havia paixão naquilo que fazíamos. Para nos machucar nada era mais eficaz que nos tirar o Doutorado. A diferença era apenas uma, não havíamos feito nada de errado; porém, o pequeno grupo docente já é outra história. O processo correu e fomos martirizados nas Congregações presididas pelo Prof. Franklin Trein, que não nos poupou em nada. A situação era tão grave que constituímos um advogado para nos defender. Para além de sermos alvos de tamanho absurdo, ainda fomos onerados financeiramente. Éramos seis doutorandos, a maioria com poucos recursos.

Na sala Celso Lemos, do prédio centenário do Largo de São Francisco, ocorreria a última Congregação extraordinária, quase um tribunal inquisitório. Após falas de ofensas a nossas pessoas, nos deram finalmente a palavra. Recordo-me de estar de pé, ao meu lado, amigos, meu companheiro e muitos professores que não comungavam daquele circo de horrores. Não lembro exatamente de minha fala, mas disseram que foi enfática e forte. Mas recordo muito bem da resposta que dei ao prof. Franklin quando este me disse que apenas cumpria sua função administrativa. Há coisas que não se fala para uma pesquisadora de Hannah Arendt. As palavras exatas que disse foram: “Então o senhor está me dizendo que é como Eichmann, apenas nos coloca em trens para o matadouro”. Esta Congregação talvez tenha sido um dos eventos mais icônicos de minha vida, pois enquanto o grupo de professores do convênio e o diretor do IFCS inflamavam em falas que pediam nossas cabeças, nos queriam jubilados; as professoras e professores eméritos foram chegando, adentrando a sala Celso Lemos; importante, ressaltar, a maioria deles



fora perseguida pela Ditadura nos anos 1970. A mão de alguém se estende e segura a minha, é Anita Prestes, que já me conhecia por minha participação como representante do Doutorado do Instituto. Eles pedem a palavra e nos defendem de um modo inimaginável. Foi lindo de se ver. O reitor manda arquivar o processo por ser totalmente improcedente.

Os alunos PPGLM não perderam suas orientações, já os do PPGF, somente eu mantive a minha. Quando o processo começou, chamei Guilherme para uma conversa, fomos a um Lugar chamado *Três coelhinhos*, um restaurante bizarro no Centro do Rio de Janeiro. Expliquei a situação, que obviamente Guilherme sabia. A resposta dele ao me colocar à disposição para que retirasse a orientação foi *sui generis*: “por que eu faria isso? Vamos trabalhar. O que você vai comer?”.

Todos nós defendemos nossos doutorados e todos fomos para Instituições Federais como docentes efetivos; com a exceção de Jorge, cujo paradeiro desconheço. No final de 2021, houve um concurso para professor efetivo no IFCS, na banca estávamos eu, Alice e Mograbi, além de outros dois membros. Era pandemia e tudo estava acontecendo de maneira remota Na abertura do envelope para saber a classificação e os aprovados, a sala virtual estava cheia. Os docentes pediram a palavra e alguns deles, com meu especial carinho para Rafael Haddock-Lobo, lembraram aquele fatídico momento e nos honraram apontando para o simbolismo de sermos nós três a banca que avaliava e escolhia o novo docente da Filosofia IFCS.

Ora, se meu doutorado foi escrever uma tese, ele também foi ser a mulher grávida que pensa, foi ser uma das seis quase jubiladas, foi ouvir que minha tese era feminina e parecia escrita por uma mulher, e isso não é uma piada e realmente aconteceu em minha qualificação. Esse conjunto de coisas constituem a filósofa que sou. Nada é dispensável nesse contexto.

E, para além dos amigos e dos grupos de trabalho, naquele setembro de 2007, encerrei aquela vida no IFCS. Em outubro já estava na PUC-Rio fazendo meu primeiro pós-doutorado com Paulo Cesar Duque Estrada.

E esse capítulo termina aqui, mas não sem uma boa lembrança, à qual retornarei ao final deste memorial. Há vinte anos, em um fim de tarde de uma sexta-feira, encontro com o amigo Renato Noguera, cuja característica marcante sempre fora os dreads. Eis que os cabelos de Renato estavam curtíssimos. Ao questionar a razão do corte, ele me argumenta sobre a necessidade de encontrar um emprego e os dreads não ajudavam.



Sentamo-nos para uma cerveja no famoso quadrilátero da Visconde de Abaeté, em Vila Isabel. Conversamos sobre filosofia africana, as imposições sociais etc. Renato, então me diz uma frase marcante, a qual, ao rememorar-la na última ANPOF, muito nos emocionou: “Sabe Gê, nós temos que entrar para mudar isso aqui”. Ao vê-lo na mesa de encerramento da XX edição ANPOF, da qual faço parte da diretoria, tive a certeza de que mudamos alguma coisa. Em outras palavras, valeu a pena!



II

Um novo Lar

Uma Filósofa no Cerrado



Um lar para filosofar até os últimos dias'

Um Céu para chamar de meu

Ao parar para escrever sobre esta Filósofa no Cerrado, eu me deparo com o que antecede minha vinda. Afinal, eu possuía uma casa, a que me formou. Meu lar era o IFCS. Com todas suas peculiaridades, foi ali que me apaixonei pela Filosofia, que criei meus laços para toda vida e, tal qual uma família ou vizinhança, este era o mundo que eu conhecia. O IFCS não se fazia sozinho. Eu estava no Rio de Janeiro; então circulava por outras parentalidades. Havia a PUC, lugar no qual fiz disciplinas, estudei Mário de Andrade, fiz cursos de Estética. Conheci outros professores e modos de ser e fazer filosofia. Havia a UERJ, onde lecionei como professora substituta por duas vezes, em 2001 e 2006. Cabe uma ressalva de acolhimento, pois engravidado no meio de 2006 e lá estava ela, Dirce Sollis, com braços abertos e acolhedores, me fez sentir em casa. Era minha coordenadora. Dirce já esteve conosco na UFU algumas vezes, outra mulher exemplo a ser admirada em vários e vários níveis. Na UERJ, ainda, tive o privilégio de ter sido aluna de Gerd Bornheim, gigante em todas as suas possibilidades. Um curso maravilhoso sobre estética. Passeamos pela arte medieval até o mais contemporâneo dos artistas e pensadores da arte. O curso termina, salvo engano, início de julho de 2002. Em setembro, Gerd não estava mais entre nós. Mas o meu lar era o IFCS.

Ora, ao fim do Doutorado, como todo jovem que atinge a maior idade, eu deveria buscar meu espaço. As vagas ainda eram poucas e começava o REUNI. O Rio de Janeiro estava em um momento crítico de violência e eu era mãe de um bebê. Trabalhava em duas faculdades, fazia pós-doutorado, mas já era fim de 2007. A UFMT abre então um concurso. A data não me escapa, 05 de maio de 2008. Eu e Gabriel Mograbi nos inscrevemos, ele para Lógica e eu para Política. Fazer concursos na minha situação era bem complexo, um filho, com pouco mais de um ano, dinheiro escasso e ter de me ausentar do trabalho. Mas fomos, ambos passamos, Gabriel em primeiro lugar e eu em segundo, em áreas diferentes. Faço um recurso, pois percebo que minha nota estava errada.

Ao chegar de Cuiabá, sou informada de um concurso na Universidade Federal de Uberlândia, se não me falha a memória, era para pagar a inscrição no dia seguinte e com provas a partir de 11 de junho. Menos de um mês, sem dinheiro e tendo de faltar mais uns dias às faculdades. Resolvi meu problema com as faculdades, mas faltava o dinheiro.



Um concurso que quase não fiz. Sequer sabia que havia filosofia em Uberlândia. Olhei o quadro de professores. Eram tantos homens que não vi o nome da profa. Ana Maria Said. Confessei ao meu companheiro à época, hoje colega de Instituto, Leonardo Almada, que achava que não faria o concurso, pois não havia mulheres no, ainda, Departamento de Filosofia. Foi ele quem achou o nome de Ana Maria. Resolvo as questões financeiras, compro as passagens, reservo o hotel. Este concurso durou dias. Finalmente saem as homologações e a banca. O nome de Guilherme Castelo Branco estava na banca. Mas um motivo para não ir. Afinal, rezava a lenda, como disse, e eu mesma já havia tido a experiência, Guilherme nunca aprovara seus orientandos em qualquer concurso. Estava fadada à reprovação e perdas financeiras. Mas, mesmo assim, fiz esse concurso. Preparei seis provas, estudei feito louca e vim para a cidade que havia visitado quando criança. Em ambos os concursos que fiz, meu bebê ficou em casa com o pai. Isso também causava a mim muita complexidade.

Enquanto voava para Uberlândia, meu recurso estava parado na UFMT. Era um domingo quando pousei, por volta das duas horas da tarde. O céu do cerrado é lindo, eu não o conhecia. Um azul intenso, sem qualquer nuvem no Céu e entrei no taxi. Falei ao motorista meu destino, expliquei o que fazia ali, já que meu sotaque chiado me denunciara como alguém de fora, e afirmei ao motorista, enquanto olhava deslumbrada o Céu: “Quero morar sob esse céu”. A prova escrita era no dia seguinte. A sala da prova é a nossa atual 134. Digamos, ela estava bem diferente. Havia uma carteira de estudante pintada de azul que ficava de costas para todos, foi lá que me abanquei. Tema sorteado, *Contingência e Possibilidade*. Na banca, Jairo Dias Carvalho, presidente, Simeão Donizeti Sass e Guilherme Castelo Branco. Quem aplicou a prova, totalmente cega (tanto rascunho quanto a prova final) foi o professor Luiz Felipe Sahd, que era o coordenador da pós-graduação recentemente criada. Éramos 17 candidatos, creio que apenas 14 compareceram. No espaço de intervalo entre as duas horas de rascunho e a execução da prova, a pausa para o cigarro. *Eu havia parado de fumar na gravidez, mas dois concursos seguidos me fizeram voltar ao vício*. Bom, na pausa, recordo-me de conversar com uma professora de cabelos cacheados, não me recordo o nome. Em pé na saída lateral do Bloco U, o chefe de departamento vem falar conosco, nos acalma. Aqueles dois minutos de conversa fizeram muito bem. Era o prof. José Benedito Almeida Junior.



Faço a prova, não temos acesso às notas, fazemos a prova didática, mas também não sabemos resultados. Sabia que meu currículo era o maior, o que mais pontuava, pois verifiquei o Lattes dos demais concorrentes. Quase um mês para sair esse resultado. E o recurso parado na UFMT.

Início de julho e sai a homologação dos aprovados, eu apenas gritei. Esqueci completamente a UFMT e lembrei que criaria meu filho sob aquele Céu do cerrado.

Acolhimentos: uma nova família

Em 25 de Setembro de 2008 tomo posse no Salão de Conselhos da Reitoria, recém-inaugurada, da Universidade Federal de Uberlândia. Na ocasião, o Reitor era o Prof. Arquimedes Ciloni, por quem tenho grande apreço e alguma convivência. Encaminho-me para o Bloco da Filosofia, Bloco 1U, no campus Santa Mônica. Sou recebida pela secretária do curso, com um sorriso largo no rosto e perguntas sobre meu bebê, Sandra Bertolucci, já aposentada. Conheço Ciro, secretário e amigo da Coordenação de Graduação, ex-aluno de graduação e mestrado, recentemente defendido. Neusinha, que se aposentaria naquele ano. Mas, antes mesmo da posse, uma aluna, encaminhada pelo prof. José Benedito, me encontra no hotel para um café: Talita Carolina, que veio a ser minha orientanda de graduação e mestrado e com quem mantenho laços de amizade até hoje.

Eu não apenas deixei o IFCS, eu mudei de cidade, de Estado, fui para um universo totalmente outro e desconhecido, sem laços. Uma radicalidade. A família só viria em março de 2009, e eu fiz ponte aérea a cada 15 ou 21 dias. A chefia de departamento compreendeu que eu tinha um bebê de um ano e 8 meses, e que não havia condições de ele estar comigo em uma cidade nova sem ninguém, e me ofereceu todas as condições para que eu lecionasse e conseguisse voltar ao Rio de Janeiro para ficar, pelo menos uma semana, a cada 15 dias, com meu filho, até a vinda definitiva da família. Meu então companheiro defenderia seu doutorado em março e ainda havia suas aulas nas faculdades particulares para finalizar. Os domingos eram os piores dias. Morei quase um mês no hotel até alugar um apartamento. O mundo, no Rio, cobrava minha presença como mãe, mas eu estava pensando no sustento também do meu filho.



Termina o ano letivo em dezembro, posso retornar ao Rio para entrega do apartamento, que só ocorreu em fevereiro, organizar tudo para a mudança e ficar com minha família. Em fevereiro eu retorno para uns cursos obrigatórios que os professores novatos deveriam fazer, conheço o colega de filosofia antiga, que passou no mesmo processo em outro concurso, em um desses cursos obrigatórios, o prof. Rubens Garcia.

Aqui começa uma história de família. Ser parte de uma comunidade, no caso da filosofia, é muito mais que afinidades de pesquisa. Isso eu já sabia muito bem. Mas não esperava jamais encontrar laços tão fortes que me fazem amar o Cerrado.

A mudança atrasou a chegada em 15 dias, eu tinha passagem comprada para a véspera do carnaval, a saudade do filho que iria fazer dois anos era avassaladora. Sozinha, sem as roupas limpas, pois estas deveriam já ter chegado com a mudança, com um colchão inflável no meio do apartamento, recebo um convite para almoço. O prof. Rafael Cordeiro e sua esposa Ilza Fernandes me convidam para almoçar em um domingo. Só depois entendi que eles moravam duas ruas acima do meu apartamento. Como informei, estava sem roupas para sair, tive de comprar um vestido e uma sobremesa. Hoje vejo a volta que o taxista deu comigo para comprar o bolo e ir à casa do colega. Eu não conhecia a cidade.

Um bolo de abacaxi que vira na embalagem no elevador do prédio de Rafael e Ilza. Eu tímida e sem graça com o bolo ‘amarfanhado’. Um fricassé de frango me esperava, uma doçura de Ilza e sua acolhida. Rafael e Ilza se tornaram dois dos meus melhores amigos. Afeto e admiração. Com certeza aquele fricassé com meu bolo desconjuntado e aquele almoço simples me fizeram não querer voltar para o Rio de Janeiro. Era uma espécie de colo que eu precisava naquele momento.

Chegamos de vez, a família, numa quinta-feira 05 de março. No dia 06 eu já teria minha primeira banca de mestrado na UFU, uma orientanda do prof. Bento Borges. No dia 07 fomos convidados para festa de 15 anos da filha do Prof. Alcino Bonella. Uma festa à fantasia. Achei o fogão ao mesmo tempo que achava uma roupa para vestir. Alcino vestido de César, Olavo Calábria, que também havia passado no mesmo grupo de concursos para Filosofia Moderna, vestido de palhaço, Rubens de Gladiador. Conheci a profa. Ana Maria, que se encontrava de licença para cuidar de sua saúde. Achei meus colegas bem divertidos e peculiares.



A acolhida começa com a visita de Talita, com o respeito por minha maternidade e o fricassé com bolo ‘amarfanhado’, há uma festa à fantasia. Esse conjunto dos primeiros momentos em terras distantes, onde a seca bate e a umidade chega aos seus 9%, se tornaram os primeiros passos para a construção de uma nova família, agora uma família UFU. Havia a possibilidade de um Lar no Cerrado.

Este é um memorial acadêmico, mas *memorial* vem de memórias. Essas memórias que serão agora narradas dizem da construção da acadêmica docente e pesquisadora da UFU, pois é nesta Instituição que o aprendizado do IFCS se realiza. Se na UFRJ eu existo como a pesquisadora em potência, mesmo dando grandes passos, é na UFU que eu existo em Ato. Mas ser o que sou não foi sozinha, pois sem a acolhida eu talvez não continuasse aqui. Oportunidades de voltar ao Rio surgiram, mas eu não as quis porque me entreguei à cidade, à Universidade, ao Instituto e eles me acolheram de braços abertos.

Falemos, pois, de minha trajetória acadêmica na casa UFU, do que produzi para estar aqui e o que e quem possibilitou essa produção.

Trajetórias: a filosofia como philia

Minha produção e trajetória acadêmica, obviamente, antecede minha chegada à UFU, com artigos publicados, até mesmo na extinta revista da Gama Filho. Então levo comigo alguma coisa já publicada em periódicos, como os que eu cito a seguir: *A 'Vida Nua' no Ápice de sua Indeterminação: Aspectos Políticos da Analogia entre 'Força de Lei' e 'Estado de Exceção'*. *Ethica (UGF)*, v. 16, p. 143-165, 2009; *A construção do pensamento arendtiano e a desnaturação da política como processo filosófico: uma crítica ao pensamento platônico*. *Ítaca (Rio de Janeiro)*, v. 7, p. 106-117, 2008; *Da faculdade de Julgar: por um Éthos e uma Aisthesis em Arendt*. *Ethica (UGF)*, v. 14, p. 110-118, 2008; *Nietzsche na Obra de Albert Camus*. *Cadernos de Filosofia Contemporânea*, v. 4, p. 1-12, 2002. Ainda há capítulo de livro: *Banalidade do Mal: uma leitura a partir de Camus e Arendt*. In: Guilherme Castelo Branco; Antonio Cavalcanti Maia. (Org.). *Filosofia Pós-Metafísica*. 2ed. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2006, v. 1, p. 71-80. Este artigo esteve na edição anterior dessa obra em 2005. Ainda possuía artigos em outras revistas não indexadas, como *A compreensão de homem na contemporaneidade*. *Revista Critério*, p. 1 - 1, 20 jan. 2008 e *Dali: um artista da transgressão*. *Revista de Educação Pública*, Rio de Janeiro, p. 1 - 1, 10 out. 2004.



Todavia é justamente com a minha chegada o à UFU, no final de 2008, que uma carreira se consolida. Dito isso é importante entender o fator *philia* para a produção e incentivo acadêmico. Ora, ao falar de certas personagens, que aparecerão ao longo deste capítulo, há de se observar a importância delas e deles na minha carreira. Em um país como o Brasil — onde a ciência e em especial as ciências humanas são pouco valorizadas financeira, social e politicamente—, não se faz pesquisa sem parcerias, confiança e valorização institucional. Logo, muito do que fiz, eu devo à Instituição à qual pertenço e ao apreço e confiança que os colegas e amigos me deram.

Falemos desta história chamada UFU

Quando aqui cheguei, conheci um professor da engenharia que estava se aposentando. Recordo-me das palavras dele: “Cuidado com a UFU, ela é uma mãe solteira octópode que agarra seus filhos com seus tentáculos”. Em parte, esse professor tinha razão, pois esta Universidade é diferente de onde eu vim; se você permitir, ela lhe traz para si, dando-lhe um pertencimento ímpar. E o IFILO, ainda DEFIL quando cheguei, não foi diferente.

Ainda em 2008 sou credenciada no Programa de Pós como membro permanente, fato não comum em nossa na Universidade Federal de Uberlândia. Do mesmo modo, já em 2009, me torno substituta legal do Prof. Luiz Felipe, o Coordenador do Programa à época, o qual se chamava Programa de Pós-graduação em Filosofia Moderna e Contemporânea. De imediato recebo um orientando, Marival, que defende uma linda dissertação em Foucault, tendo por banca avaliadora Rafael Haddock-Lobo e Alexandre Guimarães. Posteriormente, Marival se torna professor em um Instituto Federal no Estado de São Paulo e, mais recentemente, passou para um doutorado em Educação.

Entre as orientações e aulas — nesse momento Talita já era minha orientanda de TCC —, Jairo me apresenta Ana Carolina Gomes (hoje Doutora e professora do IFTM, *campus* de Ituiutaba, parceira de muito trabalho), minha *Carol Carol*, que vem fazer também TCC comigo. Começo a travar maior conhecimento com os colegas. Eu fui a única mulher em um departamento totalmente masculino por um ano. Esse evento me fez pensar na profa. Ana Maria, que ficara por 15 anos sozinha com os meninos, modo pelo qual nós os chamávamos quando Ana, a marxista da casa, retornou recuperada em 2010.



Ana Maria é uma figura inspiradora naquele universo masculino. Nós nos tornamos próximas e frequentadoras dos mesmos ambientes e dos vinhos em minha casa. Hoje, Ana Maria está aposentada, mas mantém seu vínculo na Pós-Graduação, deixando um legado importante como filósofa da UFU, como lutadora pela filosofia na educação básica e bem aguerrida quando se trata de Marx. Ana trouxe figuras internacionais importantes do marxismo para fomentar esse pensamento no nosso Instituto. Eu mesma tive a oportunidade de assistir muitas de suas palestras, conhecer mais do marxismo, bem como mantenho esse convívio com ela, em uma boa e grata *philia* que se estende até os dias de hoje. Ana Maria foi a primeira pessoa da UFU a conhecer meu segundo filho, Kaike.

Mas ainda na chegada, pois Ana estava doente nesse tempo, crio vínculos mais próximos com os professores Rafael, Jairo e Luiz Felipe. Todavia, em 2009 um professor que estava afastado para pós-doutoramento retorna, Alexandre Guimarães de Tadeu Soares. Imediatamente há eleição para Chefe de Departamento — nesta época ainda éramos um departamento de Filosofia vinculado à FAFCS, Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais. A lembrança do primeiro dia que o conheço se resume a e uma caixinha e alguns papéis para votação, havia um candidato único para chefia de departamento e eu me abstenho; afinal, era a primeira vez que via o cidadão. Eu gosto de contar essa história, pois desta abstenção, pouco menos de um mês depois, Alexandre, o cartesiano do Instituto, passava o domingo de Páscoa com minha família. Uma bacalhoadada e uma amizade que já dura 15 anos.

Ao falar de Alexandre, me perco sorrindo de tantas situações nas quais ele foi esteio para eu realizar as mais diferentes funções. Em uma banca de concurso na qual eu era presidente, Alexandre era o motorista de meus filhos, ia buscar e levar na escola, ainda funcionava de babá nos corredores do IFILO. Na pandemia, aparecia do nada, em meio ao caótico e imprevisível que vivíamos, ligava do outro lado da rua e falava com um sonoro, “desce aí, tenho presentes”, e lá estavam os torresmos do Cidão. Isso me fazia acalmar e produzir, pois foi desgastante o quanto trabalhamos, talvez para amenizar o medo, durante a pandemia. Alexandre estava ao meu lado na hora que soube do falecimento de meu pai, foi colo, consolo e *phila*.

Ainda no ano de 2009, começo minhas participações em bancas de concurso para professor efetivo em outras Universidades do Brasil, fiz duas bancas (entre 2009 e 2010) UFMS. Ainda neste ano, começa o processo de separação da FAFCS em unidades isoladas, formadas como Institutos. Eu estive na maioria das reuniões substituindo o



Coordenador de pós-graduação. Estando à frente da Coordenação na reunião do Consun que decide pela formação de nosso Instituto de Filosofia como unidade isolada. Sem me dar conta, começo uma atividade inesperada, a de gestão. Prof. Luiz Felipe pede redistribuição para UFCE. Além das turmas, assumo interinamente a Coordenação de pós e, logo em seguida, sou eleita Coordenadora do Programa, onde permaneço por duas gestões e quase 5 anos.

No ano de 2010, Ana maria já está de volta. Logo, somos duas mulheres e os meninos. Nesse ano, há mais um concurso, para Filosofia da Educação, Profª. Luciene Torino chega. A bancada feminina, ainda tímida, aumentava. Todas nós dávamos aulas às quartas-feiras a noite, incluindo Alexandre. Era o dia de babá para meu filho. Meu companheiro nessa ocasião havia passado para a UFG. Era uma regra, sair da aula e nós quatro irmos tomar um vinho, comer uma burrata ou uma pizza e conversar até a madrugada.

Ainda neste ano, justamente por ter dado uma palestra na Faculdade Católica de Uberlândia, junto com Prof. Alexandre, sobre loucura, começo minha produção mais complexa. Publico em 2011, meu único artigo sobre Foucault, *O louco como um outro interdito: arqueologia e biopoder*, na Revista Filósofos.

No ano de 2011, temos uma mais vaga para o, agora, Instituto de Filosofia. Parecia um sonho, chega mais uma mulher, Maria Socorro Militão. Os vinhos das quartas ganham uma nova companheira. Neste ano, publico um trabalho oriundo de um curso na pós sobre Alteridade, *Um Lugar Aberto para um Tu Intocável: Uma Reflexão sobre o pensamento de Martin Buber*. Pensando: Revista De Filosofia (UFPI).

Menos que as publicações, que podem ser visualizadas em meu Lattes, o que importa é esta relação permeada pelas personagens que citei. Eu havia falado de lar e de família. E exatamente assim me senti, e ainda me sinto, com a companhia de Rafael, Ana Maria, Alexandre, Luciene e Socorro. Obviamente com o tempo outras pessoas chegam, personagens fundamentais dos quais falarei mais à frente. O fato é que com este grupo, cujas personalidades e trabalho admiro, foi possível construir familiaridade. Ana Maria a inspiração para todas nós; Luciene a alegria e a gargalhada com sotaque de Dois Córregos; Rafael e Ilza são o afeto, a sopa em um dia doente; Socorro, minha Mary Help, a irmã que descobri, uma cearense arretada que entre abraços, afetos e brigas é só amor, Alexandre, os olhos azuis que sabem ajudar a caminhar, o vinho, o que atura meus gritos, o desabafo, o próprio IFILO, com uma parte do tentáculo da UFU. A partir de certo momento, minha casa virou o *point* de muitos dos nossos encontros. Para além da alegria



regada a vinhos, também se tornou espaço para se fazer política, ter debates com bom pensamento, uma ágora filosófica. Momentos com frutos, pois geraram grandes eventos, como a Homenagem à Derrida em 2014, no qual, mais uma vez, Rafael Haddock-Lobo nos presenteia com a presença e a amizade. Os nomes internacionais passam a ser motor de quase todos os eventos; cito poucos, dada a enormidade de convidados que trouxemos. Tivemos Agnes Heller, Jean-Luc Marion, Emmanuel Faye; Ruth Hagenruber; Seloua Luste Boulbina etc.

A produção acadêmica, gestada entre amigos, também vem de eventos. Cito nomes internacionais, mas isso é o que menos importa, pois a importância está no fato de eu chegar aqui e existir um programa iniciante, donde o fazer amigos, ter uma *philia*, nos fez, juntos, construir ideias e ver o que o IFILO se tornou. E o que eu me tornei.

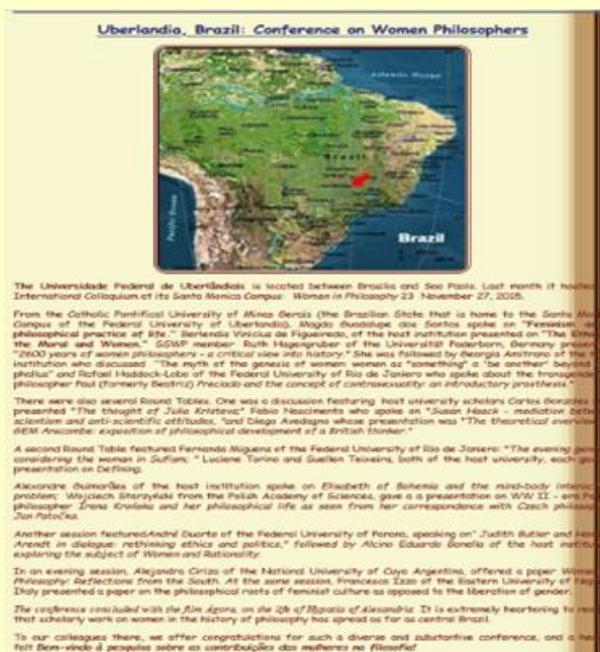
Se realizamos eventos internacionais, também criamos possibilidades de todos nós, e isso me inclui de forma veemente, nos tornarmos uma parte internacional de eventos, bem como levar o IFILO-UFU, como no nosso projeto de extensão *IFILO ITINERANTE*, para outras universidades, dentro e Fora do Estado de Minas Gerais. Afinal, foi graças ao acolhimento que pude ir à França, Lyon III, fazer uma visita técnica junto com Patrick Llored, o que me levou à Paris Diderot (Paris VII) e criar vínculos de pesquisa com o grupo de Seloua Luste Boulbina. O acolhimento, regado muitas vezes por uma boa festa em minha casa, me permitiu um segundo pós-doutorado, com Rafael Haddock-Lob, do qual sai meu livro *Querendo ou Podendo ser Lilith*. O acolhimento tem, nas mãos de Humberto Guido, a abertura para meu Albert Camus poder ser lido como um filósofo da política, publicado pela EDUFU, *Albert Camus, um homem em tempos sombrios*. Mas há muito mais a se dizer do acadêmico afetivo que configura as memórias desta que escreve. Farei, portanto, pausas para falar de algumas pessoas desse meu IFILO-UFU. A mãe polvo com tentáculos.

Humberto Guido, de quem pouco falei e que, supostamente, dividimos a mesma sala. Há um imaginário da moça que cursava graduação no IFCS. Nas aulas de Collin B. Grant, Vico era um autor muito importante. Quase ninguém o estudava e encontramos uns poucos artigos em português. Neles um nome brasileiro se destacava, Humberto Aparecido de Oliveira Guido. Eu o li em meu segundo período de graduação e, como já falei, cogitei estudar Vico. Jamais imaginara que o pensador por mim admirado seria meu colega de departamento. Mais que isso, Humberto faz uma guinada em sua vida acadêmica e hoje eu não preciso mais orientar na pós-graduação Deleuze ou Nietzsche, se não quiser, pois temos um grande especialista que se dedica a estes autores, faz mais



de dez anos. Se a sala é uma incógnita, as bancas não o são, pois é um conjunto de bancas que dividimos, lá e cá. Juntos também dividimos a coordenação de uma Coleção da EDUFU, *Encontros da Alteridade*. Hoje dividimos também a delícia de estarmos no GT que ajudei a fundar, *Alteridade e Desconstrução*. A menina dos anos 1990 encontrou na bibliografia uma parceria de pensamento, de afinidades intelectuais e, voltando no tempo, é como se uma criança protagonizasse a aventura com um de seus heróis. É uma metáfora, obviamente, mas é o privilégio de ter o admirado de um dia dividindo, mesmo que supostamente, a mesma sala.

No ínterim das admirações e parcerias, volto-me às quatro mulheres desse IFILO. Tomo por base o ano de 2015. Meninos sempre em maioria. Nossos adorados meninos. Ora, a Filosofia tem um evento anual, que este ano completou 25 anos, a Semana de Filosofia da UFU — desde 2017 também realizamos a Bienal Internacional de Filosofia de Uberlândia, que está na sua 4ª edição. No ano de 2015, nós, as mulheres, propusemos como tema a



Mulher na Filosofia. Alguns dos meninos ficaram ouriçados; afinal, julgavam o tema pouco sério. Após nossos apelos, com gritos de machistas, foram obrigados a aceitar. O conjunto dessas quatro mulheres, segundo Ruth Hagengruber, realizou o primeiro evento mundial sobre o tema. Apenas recentemente em uma conversa com Ruth soube desse fato.

Aqui me volto a essas mulheres. Sem menosprezar a ajuda e companheirismo de nossos rapazes — cuja dedicação nos ajudou e ajuda demais na organização, verbas deste, dentre outros eventos —, foi graças a elas, que uma mãe solo, com dois filhos pequenos pôde se dedicar. Um evento que foi um sucesso, com parcerias com a doce e forte Alejandra Cirizza, a própria Ruth, Francesca Izzo, Magda Guadalupe, Carla Rodrigues, dentre tantas outras mulheres e homens pesquisadores. Ao trazer o tamanho e a dimensão desse evento, no qual não apenas faço parte da organização, mas também sou conferencista e tenho de escrever e pesquisar para tal, sem a existência de uma *phlia* seria



inviável minha dedicação. Claro que foi um conjunto de pessoas, desde babás. Mas a amizade e carinho dessas mulheres me deram a força para realização do que havia para ser realizado.

Não há fazer filosófico sem a calma necessária do estudo, da leitura e da escrita. É necessário o suporte ou apenas a quietude. Não é em vão que as fofocas da história da Filosofia se misturam com o copeiro de Kant ou a governanta de algum filósofo qualquer. Sempre homens, curiosamente. Mas em um mundo, como o do século XXI, no qual, mulheres, como eu, somos responsáveis por jornadas múltiplas, foi a *philia* que me permitiu e ainda me permite produzir.

Para realizar a Bienal Internacional de 2022, com mais de 30 convidados, foi crucial a existência da minha Mary Help, pois sem Maria Socorro Militão eu não teria aquela noite necessária para preparar determinadas coisas, foi com ela que meus filhos dormiram. Essa é apenas uma de muitas noites ou fins de semana. Mas a via é de mão dupla, o filho que ela abraçou também é cuidado aqui. A paixão pela filosofia transborda na paixão pelos amigos, são eles que cuidam para o meu fazer filosófico acontecer. Como lembrei, é a sopa de acalanto na doença trazida por Ilza e Rafael. É um homem de mais de um metro e oitenta, Alexandre, em um calor de dezembro, vestido de Darth Vader, com direito a sabre de luz, para alegrar duas crianças pequenas. Se isso não é uma relação familiar repleta de amor, com todos os percalços que isso implica, então, não sei que é o amor. Amor, palavra tão cara à filosofia, mas que fugimos dela.

A familiaridade do IFILO altera o rumo das coisas, pois dela saem várias produções acadêmicas, permitindo-me dezenas de orientações, escrita de artigos, produção de aulas, palestras, viagens etc. Realizamos encontros de GT's, e o meu sempre faz aqui seu encontro bienal extra ANPOF. Pois aqueles que fazem parte desse grupo de trabalho, amigos da filosofia também, se sentem acalantados na *philia* do realizar filosofia. Destes encontros, livros são publicados, dentre eles, *Rosas e pensamentos outros*. Nas palavras de Rafael Haddock-Lobo:

Compartilhar amizade e conhecimento, celebrando a singularidade e a multiplicidade de saberes sempre foi a marca daquilo que entendemos por filosofia. Nesse sentido, um encontro de filósofas e filósofos precisa ser sempre marcado por esse aspecto amistoso, celebrador e repleto de diferenças.

[...]



Rosas e pensamentos outros é o resultado de uma dessas experimentações filosóficas que ocorreu em 2019 na cidade de Uberlândia, sendo um marco na história do Grupo de Trabalho da ANPOF que, dali em diante, passou a se chamar “Alteridade e Desconstrução”. Apesar de o que aqui se publica ser apenas a parte acadêmica desse encontro, é importante registrar que os textos aqui apresentados foram interludados por risos, muita diversão mesmo, música, dança, bares, restaurantes, festas e cachoeiras⁴.

Ora, esse memorial repleto da paixão, que aquela escada me proporcionou, está no *continuum* do tempo. Donde se eu marquei aqui um evento de 2015 é porque o ano de 2016 é bem interessante.

O final do ano de 2015 é marcado por um concurso para docência em Filosofia Contemporânea. Eu presido a banca, Rafael Haddock-Lobo e Rafael Cordeiro também a compõem junto com mais dois membros da UFMG. Uma moça vinda do mundo, mas nascida no Ceará, uma foucaultiana de primeira chega para nós, Fillipa Silveira. Ana Maria estava para aposentar, e após vários concursos, nos quais nenhuma mulher entrou, eis que temos a quinta mulher do IFILO.

A competência é inegável, como também a simpatia e alegria. Rapidamente ficamos amigas. O ano de 2016 é o de sua posse, mas também é um ano conturbado para nosso País. Entre manifestações e lamentos, construiu-se mais uma *philia*. E aqui entra em cena alguém, de quem ainda não falei, Ana Paula de Ávila Gomide, professora do Instituto de Psicologia da UFU. Não há como falar de Fillipa sem a presença de Ana Paula. Ana Paula — a quem conheci na bancada da posse, em 2008 e, posteriormente, vim a saber que era professora do Grupo de Estudos de Rafael Cordeiro—, é a psicóloga mais filósofa que conheço. Nossos vínculos afetivos começam com força em 2015. Duas mães solas, duas pesquisadoras com filhos na mesma escola. Na época morávamos parcialmente próximas, o que nos fez rede de apoio uma da outra. As coincidências de nossas histórias estavam também no fato de nossos irmãos trabalharem no mesmo IPEA, em Brasília, e serem amigos — só descobrimos depois de já sermos amigas há algum tempo. Mas é com a chegada de Fillipa, uma greve de estudantes do ensino básico e o impeachment de Dilma que nos tornamos inseparáveis em vários momentos. A amizade transcendeu a academia, virou motivo para cafés, almoços e rodas de samba e shows de Rock. Nossas escapadas, divisão de babás para as crianças, tornaram também possível

⁴ Cf. <https://www.apeku.com.br/produtos/rosas-e-pensamentos-outros-amitrano-rangel-e-haddock-lobo/>



muitos momentos de alegria. Se minha casa era *point*, a de Fillipa também o foi. Seu companheiro, Igor da Silva, hoje também professor no IFILO, passou a completar o grupo. Esse casal se torna uma alegria, tanto na convivência institucional, quanto na afetiva. Há Ana Paula, Fillipa, Igor e eu; logo, também há Rafael e Ilza; donde a família chegada de diferentes partes do Brasil, crescer na UFU. Entre reuniões de conselho, bancas de TCC, eventos de cinema e psicologia, conversas sobre Foucault, Lacan ou Heidegger ou Marx, ou apenas papos de meninas, tudo regado à alegria, posso dizer que elas me acalantam e eu as acalanto também; uma nova cumplicidade, seja nas nossas questões acadêmicas ou não, é o que nos permite, pelo menos a mim permite, produzir mais de uma boa filosofia. Não necessariamente em quantidade, mas na boa alegria do filosofar. De nossas conversas surgem ideias e problemas a serem pesquisados. Há uma escuta necessária sobre o cotidiano, sobre quem somos e que se entremeia na nossa própria profissão. Por vezes temas separados, outras junto e misturado. É isso que também fazem os amigos. No bar de fralda de Fillipa, basicamente todo IFILO lá se encontrava. Mais uma vez me parafraseio, se isso não é família, o que o será. São elas e eles que permitem a essa que escreve se jogar na paixão da Filosofia, sem a culpa que uma sociedade inteira gostaria de aplicar.

Temos Luiz Carlos, o Luizão, que chega e abre sua casa para nossos encontros e convívio. Já existia Anselmo, nosso Santo Anselmo, um medievalista mais quieto. Temos Sertório e Marcos Sêneda, com seus jeitos mais centrados e formais, mas que na hora do desespero desta aqui, acadêmica ou pessoal, têm a mão estendida, como Anita Prestes o fez um dia. Um mel para aplacar a garganta que dói, entregue num sábado pela manhã, ou aquela palavra de conforto no exato momento em que eu não estou para muitos amigos. Os dois Fábio, um Baltazar e um Coelho, ambos egressos de nossa graduação. Este conjunto de pessoas possibilita um trabalho de gestão, de pesquisa, de aulas, de extensão.

Com elas e eles, pude ser coordenadora de Pós-graduação, coordenadora de PIBID, Orientadora de Residência Pedagógica. Com elas e eles pude ser, por duas gestões, Diretora de Unidade. Foi possível organizar várias Semanas de Filosofia e, junto com Alexandre, fazer três Bienais.

Os amigos trouxeram suas companheiras, me permitindo criar histórias para fora da Filosofia. Algo necessário no respiro, uma pausa no pico da colina. Tal qual Sísifo, precisa-se se sentir feliz. No encontro do feminino, nesse nosso universo tão masculino, temos Paula Alves Prudente Amorim (Paulinha), Vivieni Garcia de Figueiredo (Vivi) e,



a mais tímida, Vanessa Fayad. Em um grupo no qual nos prometemos um café, que quase sempre vira um vinho e demora a sair, estão essas mulheres maravilhosas. No ‘*As pirantes do café*’, estamos, com Ilza, Maria Socorro, Ana Paula e Fillipa.

A familiaridade nos aproxima das e dos colegas, cria a tal *philia* a qual eu me agarro aqui. Obviamente nem todos formamos laços tão íntimos, seria uma utopia e, provavelmente, algo estranho e desnecessário. Não é assim que funciona; mas há a dimensão do coleguismo, da abertura para o *outro*. Neste jogo da alteridade, palavra a mim tão cara, as possibilidades de pesquisa e escrita são sustentadas, justamente, por esta base construída num lar chamado IFILO.

Mas a UFU não consiste apenas dos professores, há os estudantes, muitos deles já professores como eu. Uma pequena parcela, todavia, transcendeu a orientação. A força da *philia*, da paixão pela filosofia e pela vida, criou laços indissociáveis. E eles merecem um carinho à parte nessa trajetória apaixonada pelo fazer filosófico.

Amores que se consagram: a philia para além do studiosus

A palavra estudante vem do latim *studiosus*. Uma palavra que designava a pessoa dedicada, que gosta de algo, que é zelosa. O estudante é, por definição, aquele que ama o que faz, que ama aprender. Donde eu poder inferir que o filósofo é um *studiosus*. E um *studiosus* tem por base a *philia*. Nesse meu jogo de palavras, o amor, mais uma vez Eros, dá um tom especial naquilo que me forma e *com-forma* como pesquisadora, professora e pessoa que sou. Há um grupo, tão importante na minha existência, que merece esse carinho à parte. A relação não é a do coleguismo que se joga no amor filosófico de uma Unidade acadêmica e o transcende; agora o transcender é o da pessoa que orienta e estende a mão, mas que tem por troca outra mão estendida. Apesar de afetos, sua origem é de outra natureza. Afinal, diz a regra, eu seria a professora e orientadora, mas na troca dos saberes, fui acolhida, orientada, ensinada e amada.

Esse grupo não é tão grande, mas é especial e fundamental para a minha realização no aqui e no agora. E se é de amor que vou falar, começo pelo afeto mais genuíno gerado com meias arrastão, botinhas de cano curto, em março de 2011, nos corredores do IFILO.



Era uma tarde no meio das águas de março. No antigo balcão da Coordenação da pós-graduação, um rapaz alto, negro, bonito, com voz de tenor vem se matricular no Mestrado. Por alguma razão aleatória, sou eu quem o atende — e não a secretária do programa. Pergunto-lhe quem é seu orientador, a resposta veio mais ou menos assim: “Você. Quando lhe olhei no corredor, com essas meias arrastão e botas, sabia que seria você minha orientadora”. Ele nem sabia o que eu estudava, mas curiosamente era um tema muito afim. Ali se inicia uma história de amor e amizade que perdura em intensidade até os dias de hoje. Luciano Severino de Freitas, o Lu, cujos pais são chamados de avós pelos meus filhos, cujas fraldas do mais novo ele trocou, que minha mãe tem adoração, meu irmão respeito e carinho e cuja família dele me abraçou como membro. Falar de Luciano é falar de família, de amor e de filosofia. Entre Bodin, Carl Schmitt e Foucault, existe um aquariano que acolhe. Seriam poucas as páginas para falar desse amigo e companheiro de aventuras filosóficas e pessoais. Um Mestrado e um Doutorado, um advogado filósofo que tem um trabalho em política e um olhar para as mulheres na música, que um dia o obrigarei a trabalhar. Doutor Luciano, não o advogado, mas aquele que abraçou a filosofia e a orientadora como a maior dignidade que a *philia* poderia se manifestar. Das aulas de Derrida no Mestrado à sua conclusão no Doutorado, pois ele esperou abrir o curso na UFU, são 13 anos de amizade e amor. Dos almoços e dos vinhos, das conversas filosóficas, do acolhimento de meus filhos para eu jantar com um grupo de professores em qualquer evento que estivesse de estar. Dos debates sobre política, sobre a obra dos medievalistas aos mais recentes pensadores, a filosofia, tudo se mistura com música e alegria. Mas Luciano acolhe não só a mim, há a feijoada com Fillipa e Igor, o almoço num domingo qualquer com Luciene. Uma balada, vários anos novos, Natais, uma orientação no Bar Baroa. Nos momentos críticos, o amigo que não saiu do lado e, como os demais, sem ele talvez eu não estivesse aqui, escrevendo esse memorial, pois não teria o abrigo, no acalanto do colo, para continuar. Eu ficaria dias falando do Lu. O que importa é que no ato da *philia*, transcende-se a relação professor-estudante, as coisas se tornam únicas, pois há verdade no querer conhecer não só a filosofia, mas outro que ali está. Se há amizade no mundo, Luciano é meu melhor amigo. Com Luciano, além de uma Tese brilhante, *Vontade e representação: Um diálogo entre a soberania e a legitimidade jurídica na sociedade contemporânea*, a parceria em um livro e meu primeiro artigo escrito a quatro mãos: *Entre apagamentos, rastros e pegadas: Mulheres que existem*, Livro que organizamos juntos, publicado pela Ape'Ku e o artigo *Paulo Freire – Microrrevoluções*.



No rastro do *studiosus*, duas presenças marcantes, tanto como amigos que se tornaram, quanto no aprendizado que me proporcionaram: Lorena Oliveira e Willian Costa. Ambos são doutores hoje, ela pela UFRJ com orientação de Rafael Haddock-Lobo; ele pelas mãos de Castor Bartolomé Ruiz na Unisinos.

Lorena, a menina negra que me perguntava sobre cabelos e se era possível filosofar sobre cabelos. A menina linda se tornou a minha Diva, seu mestrado, cujo título é *Racismo de Estado e suas vias para fazer morrer*, ocorreu 48 horas após Marielle Franco ser executada. O título, infelizmente, coincidia com a prática que acabara de ocorrer. Choro durante a defesa. Um trabalho de uma potência única. A primeira defesa sobre *Racismo de Estado* na Filosofia da UFU. Minha orientanda, minha amiga que me levou ao NEAB, Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFU. Que me obrigou, ao ser sua orientadora, a escrever e filosofar mais sobre o ser negro no meu país. Companheira de mesas redondas, a filósofa Lorena me ensinou também sobre ancestralidade e um outro tipo de acolhida. Com ela eu fui *studiosus*. Minha Lores, a mulher preta que defendeu seu Doutorado, do qual fui banca, no maior estilo e ousadia. A negritude e a benzeção encantaram quem ouvia. Com Lorena, a *philia* ganha outro significado, *Ifé* ou *Kizola*⁵, assim como a Filosofia se estendeu à *rekhet*⁶. Lorena também pode ser sinônimo de abraço, isso eu tenho certeza.

Willian Costa, um menino que adentra minha sala, vindo do Curso de Relações Internacionais na ESAMC, mas que sempre quis estudar terrorismo em Filosofia. Formado já àquela época em RI, aquele garoto de uns 20 anos ganhou bolsa para Irlanda, defendeu comigo seu TCC. O menino se torna homem, defende seu mestrado com o título, *Do governo sobre a vida ao terrorismo de Estado: espectros de uma política contemporânea da destruição, ou das categorias impolíticas do terror*. Foi para Unisinos e hoje é professor da UECE e Coordenador do GT do qual já fui membro. Foram risos, leituras e aprendizados. Uma nova Fé. Um carinho e cuidado com meus filhos. O *studiosus* que foi mão dupla em carinho e afeto.

⁵ *Kizola* é amor em Kimbundu. *ife*, *ifé* são as principais traduções de "amor" para ioruba.

⁶ Ao pensar na Filosofia Africana aprendi, mais precisamente a de Kemet, que *Rekhet* significa perguntar pela natureza das coisas (*khet*) baseado no conhecimento acurado (*rekhet*) e bom (*nefer*) discernimento (*upi*). A palavra *upi* significa "julgar", "discernir", o que é "dissecar". (Théophile Obenga)



Daniel Rodrigues, com um Alves no meio do nome. O garoto de 18 aninhos que passa para um concurso de técnico no Hospital Universitário-UFU. O menino vai cursar química na UFU, mas assiste a uma palestra minha, migra para Filosofia e, em 30 de Outubro deste ano, se torna Mestre com Louvor. Quis o destino que Daniel viesse morar no prédio em frente ao meu. O Albert Camus, um pouco guardado, se torna o motivo para atravessar a Rua com taças de vinho nas mãos. Leituras, conversas e o menino se torna adulto. Um amigo, aliado nos debates de Camus. Amado por meus filhos, vira parente e alguém com quem posso sempre dialogar. Nas esteiras de Daniel, cuja dissertação foi brilhante, mais quatro camusianos chegam. Ele é a resposta naquele 'Valeu à pena!'. Se eu não fazia filosofia para muitos no IFCS, hoje os meus orientandos o fazem, e muito bem. Daniel foi o segundo na linha de Camus, mas o primeiro com empenho e paixão de verdade.

Duas mulheres potentes, Duas Anas, a Carolina e a Gabriela. Um veio do Deleuze e fez graduação e mestrado comigo, a dissertação, *Deleuze para uma arte das forças*. Hoje Doutora pela UFPR, é professora do IFTM em Ituiutaba. A outra veio de Alcino Bonella, uma analítica que se entrega a Sartre para fazer Doutorado na Unicamp. A primeira Ana foi minha aluna, *Carol Carol Carol*. A segunda, primeiro virou minha amiga, cúmplice de noitadas, para tempos depois se tornar minha pós-doutoranda. Na casa da Luz vermelha, nas terras de uma Goiás Velha, a alegria, os brigadeiros, o vinho, a cachaça as histórias. Não gosto do termo sororidade, acho que perdeu seu sentido, mas na Casa, que chamávamos da Luz Vermelha, na subida da Ponte da casa de Cora Coralina, a filosofia, como *philia*, se abre com essa empatia, solidariedade e união entre mulheres, independente de nossas diferenças. *Dois mulherão da Porra!* Peço licença para palavra ingrata e o erro proposital da língua portuguesa, nada canônico em um texto a ser publicado. Muita coisa a dizer sobre essas duas, mas, como Luciano, as palavras não cabem aqui. Fico, então, com o conceito que minha Ana Gabriela Colantoni forjou, *Mulheritude*

A Mulheritude existe por toda parte e podemos identificá-la nos livros, na música, na pintura e no cinema. O que faço nesse trabalho é apenas uma circunscrição, na tentativa de criar um conceito. Dessa maneira, eu conceituo a Mulheritude, como mais um dos movimentos políticos, artísticos e filosóficos de contraposição a um padrão dominante de pensamento, de comportamento e de produção. Em contraposição a um padrão que permite e incentiva a exploração, a usurpação e a violência em relação às Outras (aquela que está fora do que tal padrão exige), como se isso fosse natural ou como se a culpa fosse também Delas.



[...]Assim, embora seja um movimento filosófico que não aceita a fixação de gênero no âmbito da metafísica e do discurso, a “Mulheritude” é uma proposta que também não aceita o desmerecimento de práticas e saberes que foram constituídos por um coletivo que foi reunido sociologicamente sob o nome de mulher. Também é um movimento que compreende a importância da identificação dos gêneros oprimidos para a conquista de políticas públicas de reparação.

Principalmente, queremos apresentar a Mulheritude como um conceito e como uma atitude filosófica que visam desconstruir estereótipos que reduzem e inferiorizam tudo aquilo que se relaciona às mulheres.

Cabe ressaltar que, com Ana Gabriela, organizamos quatro eventos na cidade de Goiás. O *Erotismo e Filosofia* começa em 2014 e vai até 2020. Em sua última edição, mesmo online, já se tornou um evento Internacional. Nós publicamos juntas um livro bilíngue e no prelo há mais livros chegando.

Com minhas Anas e com as outras Mulheres narradas e ainda por narrar nessas memórias, a *Mulheritude* é o conceito e a atitude coletiva que, penso eu, por vezes nem sabemos nomear.

Ora, obviamente meu caminho é feito de outros *studiosus*, Claudio Stodrum, Paulo Irineu, Talita Carolina, Rodrigo Zago, Luiza Anselmo, dentre outros. Esses são orientandos e amigos que foram crescendo e contemplando o mundo que me rodeia. Mas ainda faltam duas pessoas especiais. Alunos da *philia*.

Esses dois especiais nunca foram meus orientandos, se bem que uma o será agora. Mas no compasso das vizinhanças, no lar que abraça, ele e ela são expressões lindas da *philia*. Gabriel Galbiatti — que aprendeu a caminhar pelas mãos de meu amigo Rafael Cordeiro —, das noites intensas conversando sobre Clarice Lispector e Walter Benjamin, do primeiro ouvinte do conceito de *Também*. Da ajuda na mudança, com livros e caixas, no olhar de cuidado sobre os filhos. É sempre amor o que rege a filosofia como verdadeira *Philia*.

Por fim, a caçula, Barbara Leandra. Creio de quem ainda ouvirão falar em um futuro próximo. Barbara era para ser orientanda de Fillipa no Mestrado, mas Fillipa acabou de ser mãe. Jade é prioridade. Logo, Bárbara, se tudo der certo e dará, será caminhada por minhas mãos. Mas já temos juntas uma história, leituras de textos, Grupos de Estudo no LEA, a amizade que formou. Se passo mal, Bárbara vai comigo ao médico, ou melhor me obriga a ir ao médico. Se tenho uma viagem de trabalho, ela dorme com meus filhos. Se a viagem é longa, Bárbara me ajuda a providenciar os víveres



congelados da alimentação dos que ficam. Fazer filosofia requer o cuidado de alguém, se eu realizo coisas, há alguém, ou, em uma brincadeira linguística, *alguéns* que me estendem a mão.

Há ainda o amigo e professor da ESEBA, Escola de Educação Básica da UFU, amigo e vizinho: Diogo Novaes lavou louça, encheu balões de festa de aniversário, discutiu e ouviu sobre meus conceitos advindos da linguística. Não há como não o mencionar aqui, pois Diogo foi e é a *philia*, junto com esses tantos outros, que acolhe, alimenta e permite que eu possa ser mais do que o mundo misógino e machista desejaria.

Sabendo que não posso esquecer pessoas especiais, não há como me furtar de falar de Rafaella Franco Binatto, a moça que conheci na ANPOF de 2018, se aproxima em 2020, no encontro do nosso GT em Cordisburgo, torna-se amiga, confidente, capaz de pegar um voo só para ajudar. Uma expressão linda da *philia*. No final 2023, faço parte de sua banca de Doutorado. Hoje a Doutora Rafaella ajuda, com membro da banca, na defesa de Daniel Rodrigues.

Mais uma vez, me recordo de Anita Prestes, naquele cenário absurdo de 2004. Havia a mão estendida da filha de Olga Benário Prestes, um alento que dava forças para reagir e continuar. Hoje, no Cerrado que me acolheu, no Lar que escolhi viver, meu fazer filosófico só existe pela *philia* das mãos estendidas que aqui encontrei.



III
Um Apêndice
Ou
Outros lugares de philia



O NEAB, o DIEPAFRO

E as comissões de heteroidentificação

Não há como falar do desenvolvimento de minhas pesquisas nos últimos anos sem me referir a dois órgãos da Universidade Federal de Uberlândia: o NEAB, Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros; e a DIEPAFRO, Diretoria de Estudos e Pesquisas Afro-Brasileiras. Levada pelas mãos de Lorena, desde 2017, participo de certas comissões de heteroidentificação. Fui responsável — junto com alunos, técnicos e professores de outras unidades acadêmicas — pela confecção de parte da Resolução de acesso às Cotas para Negros, pretos e pardos, da Pós-Graduação da UFU. Dizer de minha perspectiva sobre racismo de Estado e Terrorismo de Estado antes e depois do NEAB e DIEPAFRO, é sinônimo de ampliação de horizontes. Há uma frase muito comum no Brasil, a saber, “o buraco é mais embaixo”. A ampliação do pensamento é a ampliação do convívio, o eterno aprendizado e a certeza de que muito falta para se realizar. Sendo filha e neta de mulheres pretas, sendo mães de filhos pretos, não há possibilidade de **eu** não ter um olhar diferenciado.

Na minha trajetória como ser humano, mulher parda, branqueada por um Estado mineiro e pela posição que ocupo, tenho alguns nomes, e com certeza faltaram muitos, para lembrar desse processo contínuo sobre a dimensão do racismo. O racismo como objeto de estudo me abre as relações de necropolítica, nas quais não posso me furtar a nomear João Vitor de Alcântara Jorge, meu orientando de Mestrado e, agora Doutorando, que me ajuda, em seu trabalho a entender, como um dia Lorena fez, as implicações constantes da necropolítica no Brasil e no Mundo. A necropolítica e o conceito de pária ultrapassam a raça e se estendem à comunidade LGBTQIA+. Mas é justamente na vivência para entender o conceito de raça que eu tenho de dizer daqueles que inspiram meu trabalho.

Professor Guimes Rodrigues Filho, do Instituto de Química, hoje aposentado, que orientou a primeira Tese de Doutorado no Brasil *sobre A Bioquímica e a Lei Federal 10.639 de 2003 que obriga o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana em todos os níveis da educação brasileira*. Guimes é Mestre de Capoeira Angola do Grupo Malta Nagoa, cantor e compositor. Foi ele quem fez o NEAB acontecer na UFU. Com Guimes conheço Jane Maria dos Santos Reis, coordenadora da Divisão de Licenciatura - PROGRAD/DIREN. Vice coordenadora do NEAB-UFU. Ambos foram meus



presidentes NEAB. Jane é a onça mais legal que eu conheço. Uma mulher inspiradora que me ensina cada vez mais. Tem Breno Valadares, que foi meu aluno no curso de Direito, assim que cheguei à UFU e nos reencontramos no NEAB. O prof. João Carlos de Oliveira | ESTES - Escola Técnica de Saúde, Machadinho, Allison, Habner. A minha Diretora do DIEPAFRO, Cristiane Coppe de Oliveira, professora do Instituto Ciências Exatas e Naturais do Pontal. Aqui não há diferenciação, como nunca deveria haver, entre corpo docente e corpo técnico. O que existe é aquele que aprendeu mais e que passa a ensinar mais. Sou a eterna *studiosus* com eles, sou aquela que tenta passar para seus estudantes o aprendizado contínuo que tenho com essas pessoas maravilhosas. Volto-me sempre a Renato Nogueira, pois tínhamos de entrar na Universidade para mudar alguma coisa no modo de ensinar filosofia.

Ora, seja na gestão ou na docência, eu, assim como Renato, estou fazendo, mesmo que pequena, alguma diferença. E, sim, isso é parte constitutiva de um relato que deseja apontar para outras ações que ultrapassam o universo, tão desgastado, de publicações em massa. Almejar a titularidade é um conjunto de fatores, e este é, com certeza, um dos mais importantes. Ensinar e aprender são caminhos de mão dupla, não há um bom gestor ou pesquisador que não queira ser um bom professor. O aprendizado ultrapassa o conhecimento estático do acadêmico e se desdobra, como obra de arte, em uma ética da educação. Moderna e atual, donde falar de inclusão, de raça, de racismo deve ser uma das questões basilares em qualquer nível educacional. Nas memórias, cabe a beleza da lembrança da amiga e colega Maria Socorro Militão, que foi a primeira professora da UFU a realizar eventos a partir de um olhar para uma educação inclusiva, tendo por base o pensamento e a filosofia afro-brasileira.

De certo modo, mas não com toda a verdade, encerro aqui o Lar UFU, mas este lar me deu certo prestígio e eu passei a ser mais conhecida pelo meu trabalho. Afinal, nessa *philia* eram oportunizadas as presenças em eventos, o tempo da escrita, os acalantos. Donde uma parte significativa da minha vida nos últimos quatro anos, de certo modo, eu devo muito ao IFLO-UFU, a saber a ANPOF. Esta é uma parte importante que vale aquela conversa com Renato Nogueira há vinte anos atrás. A *philia* por lá se instalou e dessa gente linda, que me faz todos os dias acreditar naquele ‘Valeu a pena’, que é preciso falar.



ANPOF

um telefonema e a admiração com amigos que quero levar para vida inteira

Recentemente uma pessoa querida me falou acerca da Diretoria da ANPOF. Antigamente as pessoas mal se conheciam para formar a tal Diretoria, na verdade, se olharmos para a história de nossa associação, creio que a maioria desses diretores não participavam muito. A fala dessa pessoa diz de *philia*, pois alega que agora, na suspeição que é plausível, “nós somos um grupo de amigos”. Essa frase tem tom. Mas este tom não advém do conhecimento prévio que as pessoas possuem umas das outras, em uma história como a que eu narrei aqui. Realmente, com o advento das páginas pessoais no Instagram ou em qualquer outra rede, é possível saber melhor quem é quem, quem acredita em quê ou não acredita. Mas, como digo, sempre há um *mas...*

Ora, a pandemia foi um dos tempos mais tenebrosos. Todavia, de um modo torto, ela nos aproximou, mas na virtualidade do mudo online que se fez imperioso. As relações interpessoais construíram-se de uma forma diferente para alguns, em dadas situações. Com a ANPOF não seria diferente. Fora das telas do computador, ao final da pandemia, o abraço caloroso criou vínculos indissociáveis. Parecia que nos conhecíamos desde sempre. O afastamento social, em uma dimensão diferenciada, nos aproximou enquanto Diretoria. As afinidades crescentes se tornaram mais evidentes, a acolhida no presencial era força que engendra amigos. Impossível não passar isso para frente. E é dessa *philia* que nasce na pandemia — em uma ideia de mudança, na radicalidade do mudar, do querer algo maior, múltiplo, complexo e apaixonado — que a Filosofia, mais uma vez para mim, foi tocada por um *Eros*.

As recordações do tempo da pandemia são um pouco difusas para mim, o enclausuramento me fez perder um pouco da dimensão temporal. Onde eu não ter a certeza se foi maio, junho ou julho de 2020, mas recordo bem do telefonema. Do outro lado da linha havia uma mulher que falava firme e rápido. Era Susana de Castro. “Oi Georgia, aqui é Susana de Castro, sou professora da UFRJ e estamos montando uma chapa para a ANPOF, queria te convidar para participar”. Susana disse algo bem próximo a isso. Eu imaginava que meu nome teria sido sugerido por Rafael Haddock-Lobo, que nega o fato, mas eu ainda desconfio. O que importa é que disse ‘sim’ e desse ‘sim’ deriva um respeito, admiração, aprendizado e amizade. As reuniões quase que diárias até a eleição, as discussões, no melhor sentido, no grupo de WhatsApp, trouxeram



uma cumplicidade que foi extensiva à gestão posterior. Os cúmplices na ação de mudar o modo de se olhar para a Filosofia e o fazer filosófico eram Patrícia Del Nero Velasco, Tessa Moura Lacerda, Agnaldo Cuoco Portugal, Cláudia Maria Rocha Oliveira, Érico Andrade Marques de Oliveira, Juliele Sievers, Cesar Candiotto e Tiegue Vieira Rodrigues, que acabou saindo da Diretoria um ano depois por ter ganhado uma bolsa de Pós Doc. No seu lugar entrou Eduardo Vicentini. Deles, eu só conhecia, mas sem qualquer intimidade maior, Érico, Agnaldo e César, com este último um pouco mais de contato, por conta do Foucault. Os demais, estranhos, alguns conhecia por nome. Falarei um pouco de cada um, mas quero me ater a Susana nesse momento.

Susana e eu, provavelmente, tenhamos nos esbarrado algumas vezes pelos corredores do IFCS, mas nunca nos conhecemos. Vínhamos da mesma casa, de uma formação muito parecida. Susana foi e é uma liderança, a primeira Presidente Mulher eleita de fato da ANPOF. Uma disposição e uma garra invejáveis. E percebíamos isso online. Ora, se Maria Clara fora, e ainda o é, uma inspiração do meu processo filosófico na graduação, Susana se tornou uma inspiração da Georgia filósofa já na maior idade. As discussões de gênero de Susana, que rapidamente fui conhecer melhor, a firmeza no trabalho intelectual e na presidência da ANPOF deixavam evidentes o caráter e a beleza de suas crenças filosóficas. Nos conhecemos pessoalmente em 2021, quando fui ao Rio de Janeiro, para fazer a mudança de minha mãe para Uberlândia. Em 2022 já estávamos mais próximas, o evento XIX edição foi o marco e a III Bienal, na qual vários membros da Diretoria vieram, foi a cereja do bolo. Conheci a Susana acolhedora, atenciosa, leve e divertida, conheci sua potência filosófica e ganhei uma amiga que perguntava “como era possível um evento só com gente boa”. A resposta é a mesma do começo deste memorial, pois, ainda “só tenho amigas e amigos bons, tanto intelectualmente quanto pessoalmente”. Susana já voltou a Uberlândia para uma banca, já nos reencontramos algumas vezes. Rimos na festa, ou na prévia da Festa em Recife este ano. A admiração só cresce e ao falar de Susana, recordo da garota que fui na graduação e tive como exemplo, Maria Clara Dias. Com certeza o IFCS hoje está melhor, além de Maria Clara — e sei das outras mulheres que lá habitam filosoficamente hoje —, as meninas que chegam no apreço do filosofar, possuem um belo espelho como exemplo para se inspirarem.



Mas essa Diretoria ainda tinha mais mulheres. A doçura de Juliele e Claudia que dão equilíbrio a qualquer um que as conheça. Duas mulheres fortes e doces para se admirar. Com Claudia, recentemente, fiz, a convite dela, uma banca de Mestrado. Todavia, duas presenças me fazem pensar no que faço hoje. Patrícia e Tessa, esta última foi inspiração para um texto já em prévia de publicação. Patrícia Velasco, com quem brindava com os espumantes online, ao longo da pandemia, em cada momento que se podia. Patrícia também esteve conosco na III Bienal, com ela aprendi muito sobre o filosofar e a filosofia da educação. Essa mulher é um furacão inspirador de como se luta por uma Filosofia forte em qualquer nível educacional, não é em vão que Patrícia foi eleita a primeira presidenta da Associação Brasileira de Ensino de Filosofia (ABEFil) criada na ocasião do VI Encontro da ANPOF Educação Básica, realizada em Recife este ano. E daí vem Tessa Moura Lacerda, a pessoa já vem com nome de heroína histórica. A mulher que estuda o século XVII é a mesma da Comissão da Verdade. Com Tessa ganho a certeza de que nada precisa ficar de lado, muito menos na Filosofia. Admirar Tessa é tautológico, ela é potência e ato na mesma pessoa.

Ainda temos nossos rapazes, ou camaradas, como tendem a se chamar, Agnaldo e César, o equilíbrio. César um Foucaultiano maravilhoso com quem já travara alguns encontros; e pude, neste período estranho do pandêmico, fazer uma mesa de debates na PUC-PR, convidada por ele. Agnaldo, a calma. O Ateu dedicado às ciências da religião, um verdadeiro contabilista, faceta pouco explorada na Filosofia. Tiegue, um gaúcho firme e bem decidido. Apesar de Claudia e Juliele serem mais calma e equilíbrio, tal qual Agnaldo e César, e destoarem das mulheres como eu, Susana, Tessa ou Patrícia, bem como de Tiegue, essas são apenas a personalidade inerente a cada um, pois a força de todos se resumia na *philia* e na boa, múltipla e melhor filosofia. A esse conjunto de pessoa, chamo de inspiração.

Mas há Érico e Eduardo. Se Patrícia é um furacão, Eduardo é tsunami. O homem com quem falava quase todos os dias durante meses antes da XIX ANPOF era um gigante sorridente quando foi me abraçar em Goiânia, era a primeira vez que nos víamos pessoalmente. A ideia de trabalho e de organização, de estar atento a tudo e todos é seu horizonte. Com Eduardo aprendi que é preciso tomar fôlego. Ganhei um amigo que mostrou a Filosofia como meio de auxílio, durante as enchentes no Sul. Girou a roda da economia e fez dinheiro para gestões futuras da ANPOF. Em Uberlândia ajudou a cuidar de situações adversas durante a Bienal. O gaúcho gigante participa do GT Gênero, fala de não monogamia no casamento, como problema filosófico e é capaz de chorar após uma



mesa de trabalhos em um evento, no qual ele diz, “já assisti muita gente conhecida apresentar seus trabalhos, mas nunca havia visto trabalhos tão bons quanto das pessoas que não conhecia”. E ainda traz consigo sua companheira, Roberta Pschichholz. Função, elevar a Filosofia ao seu maior patamar.

Érico Andrade, um pernambucano que me inspira faz mais de dez anos. Desde a ANPOF de 2010 em Águas de Lindoia, suas falas eram potentes já naquela época. Recordo-me de Érico, Coordenador de Programa, em reunião de CAPES e CNPq. Já me era uma inspiração, sempre me referia a ele quando tínhamos de encarar os órgãos de fomento quando era Coordenador. Não tínhamos proximidade até 2020. Érico consegue pensar fora da caixa, nos fazer abrir horizontes, sem, para tanto, fechar janelas. Sua calma é contagiante, mesmo quando está irritado. Nunca conheci um ser humano que aparenta tanta tranquilidade, mesmo em meio ao caos. Admiração e aprendizado, companheirismo. A amizade que se perpetua, pois a *philia* se faz presente. Já fizemos a primeira banca juntos, de meu orientando, que um dia irão ouvir falar, João Vitor Jorge. Nas linhas das pesquisas havia Lorena e Érico nessa banca.

Mais que uma Diretoria, essa sempre foi a minha sensação, um sentido para acreditar na própria Filosofia, como eu mesma gosto de dizer, para além dos cânones.

Há uma segunda gestão, dessa vez com Érico na presidência. Ora, meu trabalho se mistura com minha vida. Se eu sou a mulher que trabalha as exclusões, os terrorismos e genocídios, tenho como braços da pesquisa, o *feminino e a mulher como ser Outro*. Em outros termos, trabalho e publico também questões sobre feminismo e gênero. Na esteira dos genocídios, a necropolítica é ponto central de muitas das minhas pesquisas, orientando Lorena e João. Na minha história com a ANPOF, ao olhar sobre as duas presidências e para as diretorias, percebo que meu trabalho acadêmico anda junto com a política filosófica da Associação. Estar na ANPOF é estar com meu trabalho como prática. Pertenci à primeira Diretoria com uma mulher eleita de fato. As mãos de Maria Clara, em 2016, levando-me a subir ao palco e fazer o feminino se manifestar, hoje, olhando para trás, essa ação ecoa com Susana na Presidência da Diretoria da qual pertenci. Do mesmo modo, os ecos se mantêm, pois ser NEAB, estar nas bases das políticas públicas de cotas para negros, escrever e falar sobre racismo e terrorismo de Estado e estar na Diretoria do primeiro homem negro Presidente da ANPOF, coroam um trabalho árduo de alguns anos.



Isso talvez se chame filosofia na prática. Mas o que importa é que não andei sozinha, no caminho há a *philia*. E se não fecho aqui esse capítulo é porque a *philia* não acabou. Na segunda gestão, um marco para além de Érico na presidência, somos seis Mulheres na Diretoria, que também tem Castor Bartolomé Ruiz e Judikael Castelo Branco.

Judikael, infelizmente, nosso contato foi menor, mas no compasso acadêmico, aguardo um texto traduzido por ele para fazer uma Resenha para o periódico *Spcti*, da UFT. Castor, uma relação que começa em 2009. Em um evento, eu ainda tateando o trabalho de Giorgio Agamben, ele me dá dicas incríveis, as quais sigo até hoje. William termina seu processo de orientação com Castor e os laços, cada vez mais próximos, se estendem para fora da própria Diretoria da ANPOF. Mas agora vou falar delas, as cinco mulheres especiais que carregarei comigo após o término desta gestão, em dezembro próximo. Adriana Delbó, a quem conheci quando meu ex-companheiro ainda era professor na UFG. Já publicamos juntas, passamos Natal juntas, nos falamos sempre e, infelizmente, por questões pessoais e de saúde, Adriana se afastou da Diretoria. Na ausência de Adriana, chega Solange, uma carioca no Piauí. Aprendendo com sua dedicação e trabalho e conhecendo uma mulher forte que potencializa um trabalho inimaginável com presteza. Taís, Galiléia Ester. Os vínculos saíram da Diretoria para o afetivo, aprendendo sobre educação, retomando Deleuze e o pensamento medieval. Se trabalhamos juntas, hoje acalantamos e rimos juntas. Ser parte dessa Diretoria é ser parte de um coletivo que, nas estradas que percorri, coroam aquela história já narrada aqui.

Volto-me àquele fim de tarde de uma sexta-feira no ano de 2004. Na esquina da Visconde de Abaeté, ainda chocada com meu amigo Renato Nogueira sem seus dreads. Aquela cerveja e conversa versava sobre o fazer filosófico, os impactos de nossas pesquisas, os preconceitos quanto a autores, as exclusões e desconhecimento de certas obras. Era certo que tanto eu quanto ele almejávamos a carreira de professor universitário, mas havia, como sempre há, um *mas*. Não bastava ser mais um docente dentro de uma Instituição de nível superior, era necessário repensar a Filosofia, não visando apagar o bom trabalho filosófico, *mas* criar um reencanto desta filosofia, que abraçasse outros corpos e outros pensamentos. Afinal, a filosofia é o amor ao saber e o saber é múltiplo. Sonhávamos naquele tempo.



Esses quatro anos, de 2020 a 2024, são exatamente a concretização daquele sonho falado em voz alta na mesa do quadrilátero de Vila Isabel. Do dia 30 de setembro ao dia 04 de Outubro, a História clássica da Filosofia andou com a História Resgatada da Filosofia. Ainda que timidamente, mulheres que se pareciam comigo na juventude, ganharam prêmios de melhor Dissertação, na diversidade entre a tradição e o que irrompe como novo. Uma mesa em homenagem a Nego Bispo, cuja uma das últimas publicações está no mesmo livro que eu publico um artigo⁷. Uma mesa de história da Filosofia, com corpos negros e LGBT. E, outra cereja de bolo, Renato Nogueira, um dos conferencistas da noite de encerramento, na mesa Raça. Sim, ao fim daquela apresentação, nos abraçamos e os olhos de ambos marejaram. Havíamos vivido para, juntos, ter mudado um pouco a cara da Filosofia no Brasil.

O sonho de 2004 só se concretiza porque não sonhamos sozinhos. Não preciso de outra palavra, gosto da expressão grega. Aquela expressão que aprendemos tão honradamente nos bancos de nossa graduação: *philia*. Eu estou aqui a escrever este memorial, mas ele tem tantos sonhadores, pessoas que encontrei posteriormente aos anos de IFCS. Sonhamos o mesmo sonho, construímos nossas carreiras admirando os que sonharam também. Não fizemos e não faremos qualquer revolução, ela pode nos corromper. Mas, parafraseando Camus — o filósofo argelino que rompe com os paradigmas da Filosofia ifcsiana, essa metáfora interessante da minha história acadêmica, mas que começa seus estudos com Descartes —, o meu **Não** é um **Sim** à vida e à filosofia. Como eu, muitos revoltados disseram esse **Não** afirmativo. Encerro aqui, e como nunca ando sozinha: *Se me revoltei, logo existimos*.

⁷ Terra de portais: contribuições dos estudos humanistas para a Geografia Contemporânea 2. Org. Gustavo Silvano Batista, Eduardo Marandola Jr., Werther Holzer. <https://www.ufpi.br/e-book-edufpi>. Um trabalho em parcerias de geógrafos-filósofos que Gustavo Silvano me apresentou. Outro amigo desta jornada.



IV

Epílogo...

Um barco com muitos

mares a navegar



Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:

"Navegar é preciso; viver não é preciso".

*Quero para mim o espírito [d]esta frase,
transformada a forma para a casar como eu sou:*

*Viver não é necessário; o que é necessário é criar.
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.
Só quero torná-la grande,
ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a
lenha desse fogo.*

*Só quero torná-la de toda a humanidade;
ainda que para isso tenha de a perder como minha.
Cada vez mais assim penso.*

*Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue
o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir
para a evolução da humanidade.*

*É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.
(Fernando Pessoa)*

Começo esse epílogo a partir das memórias.

O ano é 2013, o quase falecido Facebook censura uma foto da bunda de Simone de Beauvoir. Em uma espécie de revolta coletiva, várias pessoas começam a colocar fotos icônicas de nus femininos, fotos belíssimas e históricas. Dentre essas pessoas estão Eu, Luciene Torino e Ana Gabriela Colantoni. Não sei como, mas acabamos parando em uma página privada de poesia erótica. Luciene, então, em um modo brincadeira, sugere que façamos um evento entre erotismo e Filosofia. Ana Gabriela realmente incorpora a ideia. Em 2014, um mês após a chegada de meu filho caçula, Kaike, ocorre o Primeiro Erotismo e Filosofia.

Havia verba, eu fui com tudo pago. Essa história me remete à ideia da impossibilidade de fim para quem ama a Filosofia. Há uma frase que sempre ecoa quando alguém me diz que eu não serei bem-sucedida em um dado fazer filosófico. Disseram-se que se eu fosse a esse evento, minha carreira acadêmica estaria terminada. O evento foi um sucesso e chegou, e sei que voltará, a sua IV Edição, Internacional. Minha carreira deslanchou.

Ora, sou uma mulher nascida de classe média, carioca, da Tijuca, que teve sua vida escolar completa no período da Ditadura e viveu, de certo modo, os sintomas daquela época, mesmo que criança. Sou de uma família que teve a geração, anterior a minha, inteira de mulheres, com uma única exceção, minha mãe, interditadas.

Não acredito em conclusões definitivas.



Costuma-se requerer uma conclusão ao fim de cada trabalho acadêmico, o que é entendido, como um requisito formal. Na verdade, nunca vi essa regra, do termo Conclusão, como obrigatoriedade na ABNT. Deve-se, isto sim, dar um desfecho, o qual, dependendo da área pode ser, ou não, uma Conclusão.

Ora, nunca vi um filósofo ou filósofa concluir nada. Sempre há um além daquele trabalho. Comigo não seria diferente. Não tenho nada a concluir.

Abro um epílogo para o vindouro, o incerto, para a vontade de navegar por mares tranquilos ou tortuosos. Afinal, a vida que se tem para viver é esta. A minha se mistura com as paixões, com uma escada, um Ipê roxo na praça. Há tantos livros para ler, tanto para escrever, alunos para orientar, eventos para realizar. Concluir o quê? Essa é apenas uma etapa finalizada.

E no caminho daquilo que é o mar que navego desde a mais tenra infância, ainda me mantenho nas lembranças. A menina de 14 anos que se nega a fazer o, então, curso normal. Meu pai chegou a insinuar pagar um colégio particular para que eu — como minha mãe, tias e primas —, fosse uma professora. Eu queria ser engenheira genética, queria mudar o mundo e não ir para uma sala de aula.

Ah, a inocência da adolescência!!

Nunca fui engenheira genética, o *Ser* me arrebatou nas escadas o IFCS. Por outro lado, antes mesmo de completar 18 anos, entrei na minha primeira sala de aula, de onde nunca, nesses anos, saí. Se a escada me deu uma paixão filosófica, a docência é um amor maduro. Nada me satisfaz mais que dar aulas. Como eu amo isso!!! E ainda há muito mar para navegar e muito marujo para ensinar.

Os livros, muitos do 'Círculo do Livro', alguns ainda possuo, nas prateleiras e armário da casa de meus pais. Papai comprava e os devorava e eu os pegava e segui esse caminho, devoro, compro; compro e guardo para ler. Estudo, pesquiso...

Tanta coisa ainda para aprender. Irei a outros mares com certeza e escreverei sobre eles e deles lecionarei.

Sem ponto final, mas nesse epílogo que me remete, às confissões da minha tenra juventude filosófica, divulgadas por meu amigo e irmão Rafael Haddock-Lobo. A menina na escada era uma aristotélica que não seguiu por aquele mar. O tempo vai chegar e o grego voltará para minhas lições pessoais. E quem sabe um dia, poderei me debruçar por aquela *Metafísica*, da qual possuo algumas edições, e apenas estudá-la.

Fim?



V

Principais atividades

Bibliográficas



Para seguir o rigor acadêmico, encaminho minhas publicações organizadas, lembrando que toda a pontuação comprovada dos últimos dois anos, no interstício entre Setembro de 2022 e Outubro de 2024, encontram-se em documentos anexos. Ademais, as outras atividades estão comprovadas em meu Currículo Lattes.



PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Artigos completos publicados em periódicos

1.

AMITRANO, Georgia; FREITAS, Luciano Severino. *Por uma Antropofagia Arruaceira: Entre cruzos, resistências e vadiagens, o colono na gira da colonialidade*. Abatirá - Revista de Ciências Humanas e Linguagens, v. 2, p. 162-181, 2024.

2.

AMITRANO, Georgia. *Terror continua sendo o caminho mais curto para a imortalidade*. Cadernos Miroslav Milovic, v. 1, p. 7-21, 2023.

3.

Oliveira, Érico Andrade Marques De; Medeiros, Eduardo Vicentini De; Lacerda, Tessa Moura ; Branco, Judikael Castelo ; Silva, Francisca Galiléia Pereira Da; **Amitrano, Georgia Cristina**; Delbó Lopes, Adriana; Pereira, Taís Silva; Heuser, Ester Maria Dreher; Ruiz, Castor Bartolomé. *Pela ampliação da excelência: uma radiografia das bolsas de produtividade em pesquisa do CNPq*. REVISTA PERSPECTIVA FILOSÓFICA, v. 50, p. 170-190, 2023.

4.

AMITRANO, Georgia; FREITAS, Luciano Severino de. *Paulo Freire - Microrrevoluções*. Educação Em Foco (JUIZ DE FORA), v. 26, p. e26049, 2021.

5.

AMITRANO, Georgia Cristina. *Posições e disposições de um corpo: o erótico e o pornográfico na ótica feminina: práticas de submissão ou de resistência nos dispositivos de poder*. VOLUNTAS: ESTUDOS SOBRE SCHOPENHAUER, v. 10, p. 73-84, 2019.

6.

AMITRANO, Georgia. *Tensão: um olhar sobre a Obra de Danilo Garcia*. A assemblage do vidro da marreta e som. 1. ed. Uberlândia: MunA, 2016. v. 1. 200p

7.

AMITRANO, Georgia. *Com-Por, Rastros e Espectros ee Derrida*. Educação e Filosofia (UFU. Impresso), v. 29, p. 615-630, 2015.

8

AMITRANO, Georgia. *A Bestialidade Soberana e a Necessidade de Vida Nua*. Sapere Aude: Revista de Filosofia, v. 4, p. 397-415, 2013.

0.

AMITRANO, Georgia. *O Paradoxo do Homo Sacer: Entre o Abandono e o Bando*. Cadernos de Ética e Filosofia Política (USP), v. 23, p. 78-92, 2013.

10.

AMITRANO, Georgia. *A Arte como Exílio da Condição Humana: uma Análise Ético-Política da Estética Contemporânea*. Ensaios Filosóficos, v. 6, p. 38-56, 2012.



11.

AMITRANO, Georgia. *Um Lugar Aberto para um Tu Intocável: Uma Reflexão sobre o pensamento de Martin Buber*. Pensando: Revista De Filosofia (UFPI), v. 2, p. 68-95, 2011.

12.

AMITRANO, Georgia. *O Louco Como Um Outro Interditado: Arqueologia E Biopoder*. Revista Philósophos, v. 16, p. 269-291, 2011.

13.

AMITRANO, Georgia. *A 'Vida Nua' no Ápice de sua Indeterminação: Aspectos Políticos da Analogia entre 'Força de Lei' e 'Estado de Exceção'*. Ethica (UGF), v. 16, p. 143-165, 2009.

14.

AMITRANO, Georgia. *A construção do pensamento arendtiano e a desnaturação da política como processo filosófico: uma crítica ao pensamento platônico*. Ítaca (Rio de Janeiro), v. 7, p. 106-117, 2008.

15.

AMITRANO, Georgia. *Da faculdade de Julgar: por um Éthos e uma Aísthesis em Arendt*. Ethica (UGF), v. 14, p. 110-118, 2008.

16.

AMITRANO, Georgia. *Nietzsche na Obra de Albert Camus*. Cadernos de Filosofia Contemporânea, v. 4, p. 1-12, 2002.

Livros publicados e/ou organizados

1.

AMITRANO, GEORGIA. *Ensaaios de Alteridade e Desconstrução*. 1. ed. Paraná: Instituto Quero Saber em parceria com a ANPOF, 2024. v. 1. 616p .

2.

COLANTONI, Ana. G. (Org.); AMITRANO, Georgia. C. (Org.); DAMIAO, Carla. M. (Org.); AMITRANO, GEORGIA (Org.). *Ensaio de filósofas brasileiras*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ape'Ku Editora, 2022. v. 1. 284p. Livro bilingue.

3.

AMITRANO, Georgia Cristina; Freitas, Luciano Severino (Org.); CARMO, Natália. A. (Org.). *Entre apagamentos, rastros e pegadas: Mulheres que existem*. 1. ed. Ape'Ku Editora: , 2022. 290p .

4.

AMITRANO, Georgia; HADDOCK-LOBO, Rafael; RANGEL, M. M.. *Rosas e pensamentos outros*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2020. v. 1. 332p .

5.

AMITRANO, Georgia. *Querendo ou podendo ser Lilith*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2020. v. 1. 172p .



6.

AMITRANO, Georgia; VIESENTEINER, Jorge Luiz (Org.). *Deleuze, Desconstrução e Alteridade*. 1. ed. São Paulo: , 2019.

7.

AMITRANO, Georgia. *Albert Camus: Um Pensador em Tempos Sombrios*. 1. ed. Uberlândia, Minas Gerais: EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2014. v. 1. 132p .

8.

HADDOCK-LOBO, Rafael (Org.); RODRIGUES, Carla (Org.); SERRA, Alice (Org.); AMITRANO, Georgia (Org.); RODRIGUES, Fernando Augusto da Rocha (Org.) . *Heranças de Derrida: Da Ética à Política*. v. 1. 1. ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2014. v. 3. 164p.

9.

HADDOCK-LOBO, Rafael (Org.); RODRIGUES, Carla (Org.); SERRA, Alice (Org.); AMITRANO, Georgia (Org.); RODRIGUES, Fernando Augusto da Rocha (Org.). *Heranças de Derrida: Da Linguagem à Estética*. v. 2. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Nau Editora, 2014. v. 3. 148p .

10

HADDOCK-LOBO, Rafael (Org.); RODRIGUES, Carla (Org.); SERRA, Alice (Org.); AMITRANO, Georgia (Org.); RODRIGUES, Fernando Augusto da Rocha (Org.). *Heranças de Derrida: da Filosofia ao Direito*. v. 3. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Nau Editora, 2014. v. 3. 148p .

Capítulos de livros publicados

1.

AMITRANO, Georgia. *Uma filosofia da fome: por entre Carolinas e para fora dos porões do cânone*. In: Georgia Cristina Amitrano; Magda Guadalupe dos Santos; Marcelo de Mello Rangel; Rafael Haddock-Lobo. (Org.). *Ensaio de Alteridade e Desconstrução*. 1ed.Toledo: Instituto Quero Saber, 2024, v. , p. 217-229.

2.

AMITRANO, Georgia. *Cartas da Peste... um ensaio em tempos de vírus*. História e Filosofia: problemas ético-políticos/ Marcelo de Mello Rangel, Augusto Bruno de Carvalho Dias Leite (organizadores). Vitória: Editora Milfontes, 2020..

3.

AMITRANO, Georgia. *Tantas Rosas, um mesmo perfume: pensamentos não morrem*. In: Rafael Haddock; Marcelo Rangel; Georgia Amitrano. (Org.). *Rosas e Pensamentos Outros*. 1ed.Rio de Janeiro: Ape'ku, 2020, v. 1, p. 1-167.

4.

AMITRANO, Georgia. *Entre a dominação e a resistência: as ambiguidades da informação na sociedade espetacularizada do século XXI*. In: João Antônio de Moraes, Fernando de Assis Rodrigues e Nathalia Cristina Alves Panataleão. (Org.). *Tecnologia e Sociedade: discussões Contemporâneas*. 1ed.São Paulo: FiloCzar, 2019, v. 1, p. 1-.



5.

AMITRANO, Georgia. *Do Reino e da Glória ao Estado de Exceção: Política e Ética a partir do pensamento contemporâneo*. In: Antônio José Pêcego. (Org.). DIREITO E FILOSOFIA: Em busca do saber. 1ed.Curitiba: Brazil Publishing, 2019, v. 1, p. 1-10.

6.

AMITRANO, Georgia. *O animal como Tout autre est tout autre em Derrida: uma ética animal pensada a partir da alteridade e hospitalidade*. In: Luiz Paulo Rouanet; Maria Cecília Maringoni de Carvalho. (Org.). Ética e Direitos dos Animais. 1ed.Florianópolis, SC: EDUSC, 2016, v. 1, p. 85-104.

7.

AMITRANO, Georgia. *Força e Lei: A força das palavras de Derrida na política de Agamben. Encontros entre arte e política*. In: HADDOCK-LOBO, Rafael. (Org.); RODRIGUES, Carla (Org.); SERRA, Alice. (Org.); AMITRANO, Georgia. (Org.); RODRIGUES, Fernando Augusto da Rocha (Org.).. (Org.). Heranças de Derrida: Da Filosofia ao Direito. 1ed.Rio de Janeiro, RJ: Nau Editora, 2014, v. 3, p. 91-116.

8.

AMITRANO, Georgia. *Uma Análise do Campo: Entre o Paradigma da Exceção e o Paradoxo da Alteridade*. In: José Henrique Sousa Assai; Ricardo George de Araújo Silva; Antonio Glaudenir Brasil Maia. (Org.). Filosofia Política - Emancipação e Espaço Público. 1ed.Curitiba, PR: Juruá Editora, 2013, v. 1, p. 61-78.

9.

AMITRANO, Georgia. *Banalidade do Mal: uma leitura a partir de Camus e Arendt*. In: Guilherme Castelo Branco; Antonio Cavalcanti Maia. (Org.). Filosofia Pós-Metafísica. 2ed.Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2006, v. 1, p. 71-80.

10.

AMITRANO, Georgia. *Banalidade do mal: uma leitura a partir de Arendt e Camus*. In: Guilherme Castelo Branco. (Org.). Filosofia Pós-Metafísica. 2ed.Rio de Janeiro: Publit Soluções Editoriais, 2005, v. , p. 65-77.

*T*extos em jornais de notícias/revistas

1.

AMITRANO, Georgia. *Pesquisar o Outro*. Entrevista com Helena Theodoro. Revista Humanitas, p. 10 - 14. 2024

2.

AMITRANO, Georgia. *A filosofia precisa se pronunciar acerca do terror*. Le Monde Diplomatique Brasil, 28 out. 2023.

3.

AMITRANO, Georgia. *O perdão na filosofia*. *Filosofia* (São Paulo), São Paulo - Editora Escala, p. 16 - 25, 27 jan. 2009.

4.

AMITRANO, Georgia. *A compreensão de homem na contemporaneidade*. Revista Critério, Revista Critério, p. 1 - 1, 20 jan. 2008.



5.

AMITRANO, Georgia. *Dali: um artista da transgressão*. Revista de Educação Pública, Rio de Janeiro, p. 1 - 1, 10 out. 2004.

Outras produções bibliográficas

1.

AMITRANO, Georgia. Apresentação da série *Encantos da Alteridade*, 2022. (Texto de Apresentação). Apeku Editora. <https://www.apeku.com.br/produtos/eu-penso-ana-gabriela-colantoni-e-yasmim-socrates-do-nascimento/>

2.

AMITRANO, Georgia. *Um prefácio feminino: ou o abrir das cortinas para que Elas entrem em cena* 2022. (Prefácio) In COLANTONI, Ana. G. (Org.); AMITRANO, Georgia. C. (Org.); DAMIAO, Carla. M. (Org.); AMITRANO, GEORGIA (Org.). *Ensaio de filósofas brasileiras*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ape'Ku Editora, 2022. v. 1. 284p. Livro bilingue.

3.

AMITRANO, GEORGIA. *Preâmbulo*, 2022. (Prefácio) In. AMITRANO, Georgia Cristina; Freitas, Luciano Severino (Org.); CARMO, Natália. A. (Org.). *Entre apagamentos, rastros e pegadas: Mulheres que existem*. 1. ed. Ape'Ku Editora: , 2022. 290p.

4.

AMITRANO, Georgia. *Carta para Fernanda*. Rio de Janeiro, 2020. (Prefácio) In. MIGUENS. Fernanda Siqueira. *A Sociedade Sagrada das Polacas* . Ape'Ku Editora: , 2020

5.

AMITRANO, Georgia. *Prefácio para Políticas da exceção*. In *Políticas da exceção: da potência soberana ao terrorismo de Estado/ William Costa Coleção Ethos - Nosso Clube*. Volume 2. Vitória: Editora Milfontes, 20208.

6.

AMITRANO, Georgia. Apresentação Dossiê Homenagem a Jacques Derrida?. Uberlândia, Minas Gerais, Bras, 2015. (Prefácio, Pós-fácio/ Apresentação)>.

7.

AMITRANO, Georgia. *Apresentação ao livro Filosofia Pós-Metafísica*. In: Guilherme Castelo Branco. (Org.). *Filosofia Pós-Metafísica*. 2ed. Rio de Janeiro: Publit Soluções Editoriais, 2005, v. , p. 65-77. (Orelha de livro).

